

A ESPERANÇA NÃO DECEPCIONA

**EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO**



RÍMINI 2005

© 2005 Fraternità di Comunione e Liberazione
Traduzione dall'italiano: Durval Cordas
Revisione: Giovanni Vecchio
Edizione fuori commercio
Finito di stampare nel mese di luglio 2005
presso Ingraf, Milano

Na capa: Giotto, *Ressurreição de Lázaro* (detalhe), Basílica inferior de São Francisco, Assis.

Do Vaticano, 27 de abril de 2005

*Reverendo Senhor
Padre Julián Carrón
Presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação*

*Reverendo Senhor,
tenho a alegria de transmitir ao senhor e à Fraternidade de Comunhão e Libertação uma saudação particular de Sua Santidade Bento XVI, por ocasião dos “Exercícios Espirituais” que se realizarão em Rímini nos dias 29 e 30 de abril próximos. Estando ainda viva em Seu coração a lembrança das comoventes exéquias do saudoso padre Luigi Giussani na Catedral de Milão, o Santo Padre, espiritualmente participe do fervor destes dias de reflexão e oração guiados pelo senhor, deseja vivamente que eles sejam fecundos em renovação ascética e em ardente zelo apostólico e missionário.*

É significativo o tema das meditações que o senhor conduzirá: a esperança. Como é atual para o nosso tempo compreender o valor e a importância da esperança cristã, que afunda suas raízes numa fé simples e sem hesitações em Cristo e em sua palavra de salvação! Desta esperança alimentou-se o querido padre Luigi Giussani, e em sua esteira pretende continuar o caminho a vossa benemérita Fraternidade. O vosso Fundador precedeu de pouco o pio trânsito do amado Santo Padre João Paulo II. Ambos ardorosas testemunhas de Cristo, deixam-nos como herança o testemunho de uma total dedicação à “esperança que não decepciona” (Rm 5,5), a esperança que o Espírito Santo infunde nos corações dos fiéis, derramando neles o amor de Deus.

O Sumo Pontífice confia a Maria Santíssima, Mãe da Esperança, o bom êxito de seus “Exercícios Espirituais”, e envia de coração a implorada Bênção Apostólica senhor, aos participantes do encontro e a toda a Fraternidade de Comunhão e Libertação.

Aproveito a circunstância para assegurar-Lhe também minha espiritual proximidade, ao mesmo tempo em que me é caro confirmar-me

*devotadamente seu, no Senhor,
Angelo Cardeal Sodano, Secretário de Estado*

Sexta-feira, 29 de abril, noite

■ INTRODUÇÃO

Na entrada e na saída:

Franz Schubert, Sinfonia nº 8 em Si Menor, “Inacabada”, D759,

C. Kleiber – Wiener Philharmoniker

“Spirto Gentil”, Deutsche Grammophon (Universal)

Julían Carrón. Saúdo-os a todos, um por um pessoalmente, pois cada um de vocês faz parte desta companhia, deste povo gerado pela fé e pelo testemunho de padre Giussani, que, pela primeira vez, nos acompanha de uma outra forma, mas que está mais presente do que nunca; e todos nós hoje experimentamos sua proximidade, sua presença.

Saudamos também a todos os países que nos estão acompanhando via satélite e aqueles que realizarão os Exercícios nas próximas semanas: 60 países, no total.

Quatro países farão os Exercícios conosco pela primeira vez, também nas próximas semanas: Uruguai, Honduras, Egito e Etiópia.

Todos nós temos consciência da singularidade do momento que vivemos, e quanto mais pensamos nisso mais experimentamos nossa desproporção diante do desafio tão imponente que temos à nossa frente. Por isso, é quase espontâneo para nós começar este gesto invocando o Espírito: que ele nos permita estarmos todos, um por um, pessoalmente, individualmente diante de Cristo.

Ó vinde, Espírito

Começamos lendo a carta que, como Presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação, recebi do Secretário de Estado da Santa Sé, cardeal Sodano:

“Reverendo Senhor, tenho a alegria de transmitir ao senhor e à Fraternidade de Comunhão e Libertação uma saudação particular de Sua Santidade Bento XVI, por ocasião dos “Exercícios Espirituais” que se realizarão em Rímimi nos dias 29 e 30 de abril próximos. Estando ainda viva em Seu coração a lembrança das comoventes exéquias do saudoso padre Luigi Giussani na Catedral de Milão, o Santo Padre, espiritualmente partícipe do fervor destes dias de reflexão e oração guiados pelo senhor, deseja vivamente que eles sejam fecundos em renovação ascética e em ardente zelo apostólico e missionário.

É significativo o tema das meditações que o senhor conduzirá: a esperança. Como é atual para o nosso tempo compreender o valor e a importância da esperança cristã, que afunda suas raízes numa fé simples e sem hesitações em Cristo e em sua palavra de salvação! Desta esperança alimentou-se o querido padre Luigi Giussani, e em sua esteira pretende continuar o caminho a vossa benemérita Fraternidade. O vosso Fundador precedeu de pouco o pio trânsito do amado Santo Padre João Paulo II. Ambos ardorosas testemunhas de Cristo, deixam-nos como herança o testemunho de uma total dedicação à “esperança que não decepciona” (Rm 5,5), a esperança que o Espírito Santo infunde nos corações dos fiéis, derramando neles o amor de Deus.

O Sumo Pontífice confia a Maria Santíssima, Mãe da Esperança, o bom êxito de seus “Exercícios Espirituais”, e envia de coração a implorada Bênção Apostólica senhor, aos participantes do encontro e a toda a Fraternidade de Comunhão e Libertação.

Aproveito a circunstância para assegurar-Lhe também minha espiritual proximidade, ao mesmo tempo em que me é caro confirmar-me devotadamente seu, no Senhor,
Angelo Cardeal Sodano, Secretário de Estado”.

“Mas o Filho do Homem, quando vier, será que ainda vai encontrar fé sobre a terra?”¹. Essa pergunta de Jesus nunca é retórica, menos do que nunca nesta época de relativismo em que vivemos, uma época que não reconhece nada como definitivo, pois – como dizia Malraux – “de todos conhecemos a mentira”².

Sabemos muito bem que não somos diferentes dos outros, e que também somos atingidos por esse niilismo disseminado que penetra em nossa vida de muitas maneiras. Por isso, sentimos ainda mais urgente a pergunta de Jesus: “Mas o Filho do Homem, quando vier, será que ainda vai encontrar fé sobre a terra?”; fé não como vaga religiosidade, confusa, sem conteúdo, mas como reconhecimento de uma presença histórica, capaz de mudar a vida e de sustentá-la. De fato, sem essa Presença à qual possamos nos apegar, a vida arrasta também a todos nós para o niilismo, para o nada.

Nós sabemos muito bem o que é essa fé. Tivemos a sorte de vê-la em dois gigantes: padre Giussani e João Paulo II. Sabemos o que é essa fé, pois todos nós fomos sustentados pela fé deles, e por isso sentimos como a falta de uma fé assim, de uma presença como essa na história faz da história um deserto, um lugar no qual a pessoa não tem onde se apoiar e onde encontrar sustento.

É por isso que a morte desses dois gigantes, que sustentaram a fé do povo cristão, marca o momento que vivemos, como todos pudemos experimentar nestes dois meses de sobressalto que culminaram com a eleição do novo guia do nosso povo: Bento XVI.

Todos esses fatos qualificam a urgência do momento presente. O que o Senhor nos está indicando com o falecimento de padre Giussani e de João Paulo II e com a escolha de Bento XVI? Poderemos compreender o que o Senhor nos pede se olharmos com atenção para o que aconteceu e continua a acontecer, a começar da morte de padre Giussani.

“Se o grão de trigo não morre, ele continua só um grão de trigo; mas, se morre, então produz muito fruto”³. É impossível pensar em padre Giussani, em sua morte, e não pensar nessa frase de Jesus. O que ocorreu desde o momento de sua morte foi a multiplicação de uma fecundidade, que surpreende a nós mesmos em primeiro lugar. De repente, vimos despertar em tanta gente o interesse pela pessoa dele: no velório e durante o funeral na Catedral de Milão, ficou evidente para todos a grandeza singular de padre Giussani. É paradoxal ver quanta esperança nosso caríssimo amigo despertou misteriosamente com sua morte.

Todas as pessoas que neste momento nos encontraram esperam por uma resposta. Quantas se dirigiram a nós para conhecê-lo! E quem é que pode responder a elas, senão nós mesmos? Isso nos obriga a descobrir mais conscientemente que o Movimento é cada um de nós; neste momento, temos a possibilidade preciosa de mostrar toda a nossa gratidão a padre Giussani, e sobretudo de tornar verdadeira a meta da nossa Fraternidade.

É como se a própria realidade nos mostrasse o caminho que devemos percorrer: trata-se simplesmente de responder à urgência que o Mistério põe à nossa frente.

E como é que podemos responder a todas as pessoas que se aproximam de nós, provocadas pelo que viram? Segundo a mesma modalidade que experimentamos na relação com padre Giussani. Não podemos responder apenas falando dele; o que todos esperam é que tornemos presente o que ele tornou presente para nós: Cristo.

Não foi isso que fascinou a cada um de nós? Encontrá-lo (como vimos tantas vezes) era perceber pousar sobre cada um de nós o próprio olhar de Cristo. O acontecimento de graça que Giussani foi para nós reacontece, se o cristianismo continua a acontecer como um fato dentro do qual somos tão fortemente agarrados, que envolvemos qualquer um que se depare conosco.

Assim, o carisma de padre Giussani continua e pode ser conhecido não porque nos tornamos saudosos recordadores de sua figura passada ou simples repetidores de um discurso correto e limpo, mas porque o vórtice de

caridade em que ele nos envolveu continua a ser uma realidade presente por meio do testemunho de um povo, que nestes tempos dramáticos surge como sinal da vitória de Cristo, de Sua inexorável positividade.

Tornando Cristo presente, respondemos também ao interesse da imensa multidão que foi dar o último adeus a João Paulo II. O que tanta gente buscava indo a Roma, após horas na fila? Quem responderá ao seu grito, à sua necessidade? O primeiro a responder, sem dúvida, é seu sucessor, nosso já caríssimo Bento XVI, cujo testemunho já nestes dias foi impressionante.

Mas o que isso nos pede? Como podemos ajudar o Papa a responder em nossos ambientes, “entre a gente-gente”? O que nos pedem todos esses fatos? Para tornar Cristo presente, precisamos da nossa conversão, da renovação da nossa fé. O Papa o disse: somos chamados a ser realmente adultos na fé, e por isso não deveremos continuar a ser crianças na fé, em estado de menoridade.

Em que consiste ser crianças na fé? – perguntava-se o Papa. Significa – responde com São Paulo – ser levados ao sabor das ondas, arrastados por todo vento de doutrina, ou seja por aquele relativismo que não reconhece nada como definitivo e que só deixa como última medida o próprio eu e suas vontades. Pelo contrário, adulta não é uma fé que segue as ondas da moda ou a última novidade; adulta e madura é uma fé profundamente arraigada na amizade com Cristo. É esta amizade que introduz um outro fator: o Filho de Deus, o verdadeiro homem. É Ele – disse-nos o Papa – a medida do verdadeiro humanismo.

É a isso que o Papa nos chama a todos, de modo a respondermos à urgência deste momento, respondendo antes de mais nada a nós mesmos, pois, sem essa amizade com Cristo, a nossa vida não se sustenta e não podemos dar ao mundo nada que responda adequadamente à sua necessidade.

Tudo está, portanto, na resposta que cada um dá ao convite de Cristo para essa amizade. “Segue-me”, “Segue-me”, repetiu o então cardeal Ratzinger nas exéquias de João Paulo II.

Ele resumiu a vida de João Paulo II à resposta que, em cada circunstância, o Papa deu ao chamado de Jesus a segui-lo. O que importava, o que marcou cada passo da vida do Papa, em seu imponente testemunho, foi a resposta ao Senhor que o chamava por meio das circunstâncias da vida: “Segue-me”. Assim, dava a todos nós a oportunidade de saber o que torna a vida fecunda. A trama da vida não é o que parece, mas esse diálogo misterioso entre Cristo e cada um de nós: “Segue-me”.

“O nosso Papa”, lembrava então o cardeal Ratzinger, “todos nós o sabemos, nunca quis salvar a própria vida, tê-la para si; quis oferecer-se a si mesmo sem limites, até o último momento, por Cristo e também por nós.

Precisamente desta forma pôde experimentar [fazer experiência] como tudo o que confiara nas mãos do Senhor voltou de um modo novo”⁷⁴.

É esta experiência da vida que faz surgir “a esperança que não decepciona”, tema dos nossos Exercícios.

A esperança é a virtude do peregrino, do viandante, de quem está – para usar a expressão clássica – no *status viatoris*, o *viator*, aquele que está a caminho. O *status viatoris* indica a condição de estar a caminho e, portanto, designa a mais íntima constituição de nosso ser criaturas. Estamos a caminho, e a virtude daquele que caminha é a esperança, entre o que é e o que ainda não alcançou. Para chegar, é preciso percorrer um caminho no qual devemos ser sustentados. Todos sabemos como precisamos ser sustentados nesse caminho. Esta é a importância da esperança para a nossa caminhada.

Participamos nestes dias de um gesto que tem uma forma, por meio da qual o Mistério fala a todos nós. Mediante a modalidade deste gesto, é o Mistério que nos fala, que nos toca, que nos abraça, que nos acompanha. Por isso, devemos ter cuidado com todos os pormenores deste gesto, como sempre nos ensinou padre Giussani.

Tudo está a serviço de você e de mim, da sua fé, da sua esperança, da sua amizade com Jesus. Por isso, a ordem, a música, o canto, o silêncio, tudo, tudo é necessário para que nossa estada aqui não seja em vão, para que nossa estada aqui seja a oportunidade por meio da qual o Mistério toca a vida de vocês e a minha.

Por isso, eu lhes suplico que cada um assuma pessoalmente a responsabilidade de cuidar do gesto, para que nos sustentemos mutuamente – pois somos pobres coitados –, ajudando-nos no silêncio, nesse diálogo misterioso que incrementa a nossa amizade com Jesus, sobretudo no ônibus, pois não temos muito tempo livre e temos de aproveitar todos os momentos. O silêncio está a serviço dessa relação com Cristo: é como quando acontece alguma coisa e a pessoa fica sem palavras; é o resultado de um acontecimento que acontece. Para conservar, para acolher, para abraçar esse acontecimento é necessário o silêncio – do contrário, esse acontecimento escapa, não resta nada dele –, o silêncio que favoreça um trabalho pessoal que, depois, na vida cotidiana, não temos tanto tempo para realizar.

Por isso, ajudemo-nos mutuamente durante estes dias, invocando Nossa Senhora e padre Giussani: que nos segurem pela mão.

SANTA MISSA

**HOMILIA DE SUA EXCELÊNCIA DOM LUIGI NEGRI
BISPO ELEITO DE SAN MARINO-MONTEFELTRO**

Neste tempo, nesta hora tão profunda e tão radical, lembrada de forma vibrante pelas palavras de Carrón, na grande e apaziguante comunhão dos santos vem ao nosso encontro esta noite Santa Catarina de Sena, esta figura gigantesca de mulher que, por sua fé e por seu testemunho de fé, plasmou um povo, tirando-o dos relativismos de sua época, ou seja, das inimizades familiares e provincianas, e dando início a nosso povo segundo a medida da fé e da caridade.

Esta personalidade gigantesca que nos acompanha hoje, que nos faz companhia ao lado dos grandes testemunhos de João Paulo II e de padre Giussani, esta mulher pôde escrever – e eu ainda me lembro bem, talvez muitos de vocês também o lembrem, um dos primeiros fins de semana de retiro do nosso movimento, que padre Giussani passou inteiro comentando a frase de Catarina –: “Se fordes o que deveis ser, deitareis fogo em toda a Itália”⁵.

Uma graça. A fé é uma graça que se torna tarefa na profundidade da liberdade que a acolhe, do coração que a reconhece, da alma que se arrisca no seguimento, que não é detido nem mesmo pela consciência do próprio limite ou do limite dos irmãos, e tudo se torna como que objeto de uma real e tenaz partilha.

Somos filhos desta fé, desta fé que tem raízes antigas e que brotou miraculosamente em nossa história por meio dos grandes testemunhos de santidade que tocamos, vimos, ouvimos e comunicamos aos outros. Mas esta é a hora da fé para cada um de nós, para que também para nós, como aconteceu àqueles que a transmitiram a nós, a graça da fé se torne tarefa, tarefa de um testemunho que deve ser dado, de uma mudança que se experimenta. E dessa mudança experimentada vem a única, real, verdadeira, significativa contribuição para a mudança de todos os homens e do mundo inteiro. Que assim seja.

ANTES DA BÊNÇÃO FINAL

Permitam-me uma última brevíssima observação. Quando completei 60 anos, padre Giussani enviou-me uma mensagem inesquecível para mim – e não esquecida –, na qual me lembrava que eu havia começado a seguir esta grande aventura quando ainda usava calças curtas (e era ver-

dade, literalmente!). Todos vocês, ao longo de todos estes anos, me viram viver em seu meio e diante de vocês, procurando dar a esta nossa grande companhia tudo o que pude, apesar dos limites de que tenho absoluta consciência.

O fato de o Papa ter olhado para mim e pensado em mim para inserir-me na sucessão apostólica, e confiar-me uma Igreja particular com ele e sob ele, é certamente para mim uma grandíssima responsabilidade; mas, para vocês e para toda a nossa história, e para esta nossa fé comum e esta amizade tão cheia de humanidade e de afeição, é um grande reconhecimento que cada um de vocês certamente soube interpretar e pelo qual soube e sabe experimentar alegria quase mais do que eu.

Sábado, 30 de abril, manhã

Na entrada e na saída:

Ludwig van Beethoven, Concerto para Violino e Orquestra em Ré Maior, op. 61,

A. Cluytens – D. Oistrakh

Oschestre National de la Radiodiffusion Française

“Spirto Gentil”, EMI

Padre Pino. Ontem à noite, Julián, ao começar a introdução, retomou a grande pergunta de Cristo: “Mas o Filho do Homem, quando vier, será que ainda vai encontrar fé sobre a terra?”.

Esse último dia da história encontra sua misteriosa e real antecipação no início de cada dia. Como é que se renova para cada um de nós o milagre da adesão a essa doce e grande presença do Senhor? Olhando para a jovem mulher que é Sua Mãe, aquela que deu a carne e o sangue ao Mistério entre nós, olhando para Ela e pedindo-Lhe que nos insira, com a nossa liberdade, em seu sim ao Mistério.

Ângelus

Laudes

■ PRIMEIRA MEDITAÇÃO

Desejo e resposta

1. Desejo de totalidade

Julián Carrón. “Os homens raramente aprendem o que crêem já saber”⁶, dizia Barbara Ward, citada tantíssimas vezes por padre Giussani. Ele estava convencido – e o disse muitas vezes – de que o problema fundamental é um problema de conhecimento. Por isso, o primeiro desafio que ele lança a cada um de nós é justamente este: a prioridade não é o que você pensa, que normalmente já é determinado pela mentalidade comum, nem muito menos aquilo que é preciso fazer, influenciado, já desde o primeiro movimento, pela redução típica moderna. A primeira questão é deixar-se tomar pela curiosidade do conhecer.

Sempre me impressionou o fato de que, depois de termos feito durante dois anos a Escola de Comunidade sobre *O senso religioso*⁷, eu me dava conta muitas vezes, falando com as pessoas, de que não haviam entendido o âmago da questão. É por isso que devemos retornar continuamente para entender – pois todo o problema do início está aqui –, pois, sem entender, já desde o primeiro movimento começamos a percorrer o caminho errado: entender o que sou eu, entender o que desejo, de que sou feito. E, como padre Giussani sempre nos ensinou, o ponto de partida para conhecer não pode ser outra coisa senão a experiência, pois é na experiência que a realidade se faz transparente: é na experiência do amor que eu entendo o que é o amor, é na experiência do eu em ação que eu entendo quem sou, é aí que se revela a natureza do meu eu. Por isso, a experiência é o instrumento do caminho, é o ponto fundamental de método.

“Infelizmente”, afirma Hannah Arendt, “parece ser mais fácil convencer os homens a se comportarem da maneira mais impensável e ultrajante do que convencê-los a aprenderem com a experiência, a pensarem e a julgarem de verdade, em vez de aplicar categorias e fórmulas que preconcebemos na nossa cabeça”⁸.

É difícil convencer os homens a aprenderem com a experiência. E o que é que eu descubro na minha experiência? “O fato de ter necessidade é a premissa de toda a questão; não necessidade disto ou daquilo, mas de tudo”, diz Luisa Muraro⁹. A premissa de toda a questão da vida é que temos necessidade de tudo, que nosso desejo é desejo de tudo, é desejo de totalidade. Por isto, o homem tem sempre por dentro – nas palavras de Jaspers – “uma inquietude que nada aplaca”¹⁰. É o que sempre dissemos sinteticamente, usando a palavra “coração”: “A palavra coração”, dizia padre Giussani, “sintetiza as urgências que põem o homem em movimento”¹¹. O coração. “O coração é aquilo que é, não pode ser mudado. Uma pessoa pode até matar-se, mas sob o ímpeto do coração”¹².

Essa exigência de totalidade que define o coração nos faz sentir a vida – escrevia Maria Zambrano – “como incompleta e fragmentária”¹³, sempre, pois “o que eu sou”, como diria Ricoeur, “é incomensurável com aquilo que eu sei”¹⁴.

O coração é o critério último de juízo sobre tudo: qualquer tentativa de resposta deve responder a essa carência. Ninguém acredita no coração como critério de juízo, mas todos querem explicá-lo para nós. Porém, dizia ainda Maria Zambrano, “debaixo das paixões, outras paixões mais fundamentais se escondem, e debaixo de todas, a paixão por ser. A grande paixão que obriga o homem a ser [...], quase como se fosse o prolongamento de um Deus que o criou para isso”¹⁵.

Resume-o de maneira muito clara a famosa frase de Santo Agostinho: “Nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousar em Vós”¹⁶. O Mistério pertence a este eu. Por isso, o eu vive inquieto enquanto não repousa em Vós. É o que exprimem muitos dos salmos que rezamos todos os dias: “Assim como a corça suspira pelas águas correntes, suspira igualmente minh’alma por vós, ó meu Deus! A minh’alma tem sede de Deus, e deseja o Deus vivo. Quando terei a alegria de ver a face de Deus?”¹⁷.

Por isso, “o amor de Deus”, dizia São Basílio, “não deriva de uma disciplina externa, mas se encontra na própria constituição natural do homem, como uma semente e uma força da própria natureza. O espírito do homem tem em si a capacidade e também a necessidade de amar”¹⁸.

Desejo de totalidade, desejo de Deus, desejo de uma satisfação total: a natureza do homem é sede de satisfação total. Por isso, nosso desejo não é qualquer desejo, como muitas vezes confundimos, mas é o desejo desta natureza, um desejo de totalidade. Muitas vezes, não entendemos a natureza desse desejo, e então começam todos os problemas, pois não entendemos o drama do eu, o “mistério eterno do nosso ser”¹⁹.

Em que se vê que não entendemos? No fato de que muitas vezes pensamos que, se fizermos alguma coisa, no fundo conseguiremos; reduzimos a desproporção estrutural, esse desejo de totalidade, a uma questão ética: se mudar de trabalho, eu consigo, consigo ficar contente, consigo responder a esse desejo, ou, se mudar a circunstância, ou, se mudar esta coisa que eu não suporto; se eu me empenhar, no fundo, no fundo, conseguirei resolver a questão da vida. É como se a vida fosse um problema de estratégia, de esperteza, e isso significa que não entendemos a natureza desse desejo, e sucumbimos ao moralismo de pensar que, com um pouco mais de empenho, conseguiremos; e por isso, muitas vezes, quando não conseguimos, começa o lamento ou a agressividade, nós nos irritamos com tudo e com todos, em primeiro lugar conosco mesmos.

Mas tudo isso é sinal da estranheza do Mistério em nós. O Mistério nos é estranho quando vivemos as coisas, quando nos relacionamos com o real, quando abrimos os olhos de manhã, quando olhamos para o sol e para as montanhas. Por isso, quando a pessoa encontra alguém que não vive assim, se impressiona, como sempre ficamos impressionados com padre Giussani, que, como diria Léon Bloy, numa frase belíssima, era “um homem que tornava familiar o infinito nas conversas mais comuns”²⁰, tornava familiar o Mistério, o Infinito, durante uma refeição.

Falta-nos essa familiaridade com o Mistério, o Mistério não faz parte da consciência do eu. Somos modernos: nossa razão “moderna” é inimizada

com o Mistério; o Mistério nos é estranho. Quem é que na vida cotidiana pára para pensar que em cada experiência de insatisfação, que todos sentimos todos os dias, é como se – dizia padre Giussani – o Mistério nos lembrasse: “Eu sou o Mistério que falta em cada coisa que você experimenta”²¹? Qual foi a última vez em que pensamos, quando algo nos faltava, que o que nos faltava era o Mistério?

“Eu sou o Mistério que falta em todas as coisas que você experimenta.” É como se, de dentro da sua experiência – não acrescentando coisa alguma, nenhum chamado de atenção externo –, de dentro da sua experiência, o Mistério lhe dissesse ao ouvido: “Sou eu... não se irrite com nada: sou eu, o Mistério, o que falta em todas as coisas que você experimenta”. Quem é que sente o grito dessa falta?

Ainda bem que tu me fazes falta! Ainda bem que me fazes falta, ó Cristo, pois, do contrário, eu me esqueceria de ti o dia inteiro. Porque essa falta, diferentemente do que estamos acostumados a pensar, é o recurso que temos para não esquecê-lo; não é um obstáculo, mas aquilo que facilita mais o seu reconhecimento. Mais que um chamado de atenção externo, que nos faz lamentar contra a companhia: se não faz falta dentro de cada experiência, para que serve que os outros o digam a você? Se não ouvimos o grito do coração, de que serve todo o resto?

O desejo é falta de ser; neste desejo, é Ele que se faz presente. Até Sartre reconhecia isso, quando escrevia: “O desejo é falta de ser, é solicitado em seu mais íntimo ser pelo ser do qual é desejo”²². Essa é a segunda coisa que não entendemos: temos o desejo, mas não o Ser que o cumpre; não nos damos conta de que nosso desejo é tal porque existe o Ser que desperta o desejo. Foi o que cantamos na canção inglesa *My Father Sings to Me: “In the world there is Someone asking me to ask Him ‘Why?’”*²³ (“No mundo existe Alguém que me pede que lhe pergunte ‘por quê?’”), em minha pergunta existe Alguém que me pede que lhe pergunte: “Por quê?”.

E na canção *Il mio volto: “Só quando me dou conta de que tu és,/ como um eco ouço de novo a minha voz/ e renasço como o tempo renasce da lembrança”*²⁴. É Ele, é Ele que me faz ser, que desperta continuamente o desejo de plenitude do coração.

É no desejo que o homem descobre o Ser que lhe desperta o desejo. Sem o Ser que desperta o desejo, não haveria desejo. “Da mesma forma, é na solidão”, escreve padre Giussani em *O senso religioso*, “que o homem descobre a sua essencial companhia. Esta companhia é mais original que a solidão, já que me é dada. Portanto, antes da solidão, está a companhia, que abraça a minha solidão”²⁵. Igualmente, podemos dizer que o Ser é mais original que o desejo, pois este é despertado continuamente pelo Ser.

Tomar consciência todas as manhãs do que desejamos é a possibilidade para nós de reconhecê-Lo: sentir essa falta é sentir que Tu me fazes falta, que “eu sou Tu que me fazes”. Todas as manhãs, é oferecida a cada um de nós, à nossa fraqueza, à nossa pequenez essa possibilidade de relação com o Mistério, despertado pelo desejo como algo que urge dentro de nós: como dizia ainda padre Giussani, são as urgências do coração, que lançam você nessa relação com o Mistério. Portanto, é exigência de totalidade, e, se a pessoa reduz isso, a vida é insuportável, como tantas vezes fica insuportável para nós, pois essa espera é a substância do eu. “Alguém alguma vez nos prometeu algo? E então por que esperamos?”²⁶, escrevia Pavese.

A espera é a própria estrutura da nossa natureza, a essência da nossa alma; ela não é cálculo, é dada. Por isso, a promessa está na própria origem da maneira como somos feitos. Lemos em *O senso religioso*: “Quem fez o homem o fez ‘promessa’. Estruturalmente o homem espera; estruturalmente é mendicante: estruturalmente a vida é promessa”²⁷. Portanto, a vida é esse contínuo “tender para”, estar voltado para a promessa. A vida como vocação, como tender, como estar voltado continuamente para a promessa. Tudo nos ajuda a viver a vida assim, tudo nos é dado para isso, pois o Mistério constantemente nos faz tender para a promessa, solicitando-nos por meio das coisas, das circunstâncias; tudo o que acontece na vida nos faz estarmos voltados para a promessa. As criaturas são a maneira como o infinito nos urge, nos desperta, nos lança, nos atinge, para não nos deixar morrer, para que essa tensão à totalidade não decaia.

Nós muitas vezes detemos essa dinâmica que nos remete continuamente ao Ser, ao Mistério. Mas, justamente por meio dessa modalidade, o Mistério chama a nossa liberdade a realizar-se, chama-a à satisfação total que está inscrita no coração, e, por isso, para deter essa dinâmica, a pessoa deve continuamente não ligar para ela, pois precisa frear o impacto do Ser que constantemente volta a nos despertar, que constantemente nos lança, nos impele, nos urge.

2. Desejo e desejos: a ditadura dos desejos

Nós confundimos o desejo de totalidade com os desejos e sucumbimos à ditadura deles. Isso pode acontecer de muitas formas.

a) A primeira é identificar o desejo com uma imagem que fazemos dele: é o que padre Giussani chamava “o sonho”. “As exigências do coração – dizia – pretendem ser atendidas; sendo que o homem não tem a força para realizá-las, [...] o homem dá forma a essa pretensão segundo o rosto,

segundo a consistência frágil e, em última instância, ilusória que se chama sonho”²⁸. “No ato de se afirmar”, confirma Maria Zambrano, “o homem tropeça em si mesmo, enrola-se com a própria sombra, com seu sonho, com sua imagem”²⁹. Isso é o sonho: uma imagem criada pela nossa cabeça, pela nossa fantasia; muitas vezes, confundimos a imagem criada pela nossa fantasia com as exigências originais do coração, confundimos os desejos com o desejo de totalidade. Mas não somos nós que fazemos as exigências originais que urgem dentro da nossa personalidade, não fomos nós que as construímos. É por isso que padre Giussani distinguia o “ideal” do “sonho”.

O ideal nasce da natureza da qual somos feitos, o sonho deriva de nós mesmos. A sede do coração é nossa, mas ninguém nos prometeu que a resposta a essa sede tenha de ser uísque ou Coca-Cola. A resposta a essa sede nos é garantida, mas não é garantida a forma como você ou eu a imaginamos. Por isso, se nos apegamos a uma imagem, cedo ou tarde somos decepcionados, pois seguir o sonho incinera tudo o que cai em nossas mãos. Escrevia François Mauriac: “Sempre me enganei quanto ao objeto de meus desejos. Não sabemos o que desejamos, não amamos o que acreditamos amar”³⁰. Muitas e muitas vezes nós podemos repetir o mesmo, enganados quanto ao objeto de nossos desejos. A consequência dessa decepção é a violência: nós nos irritamos com a vida porque ela não realiza, nos irritamos com o trabalho, com a esposa, com os amigos.

A consequência inevitável da negação prática do Mistério, dessa redução do Mistério, da redução do desejo de totalidade aos nossos desejos, é a violência conosco mesmos e com todo o resto. Por isso, muitas vezes é difícil habitar dentro de nós mesmos, temos de fugir. Como escrevia Ibsen: “Ó sol adorável, derramaste teus raios sobre um quarto vazio. O dono da casa estava sempre fora”³¹. Para resistir, temos de fugir.

b) Sendo que essa situação é crua, insuportável, pensamos em resolvê-la – segunda forma – por meio do achatamento do desejo: contentamos-nos com um pouco menos. Mas o achatamento do desejo, como escreve ainda padre Giussani em *O senso religioso*, “cria o oposto lógico da tristeza, o *desespero*”³².

“A objeção e o engano”, diz Luisa Muraro, “vêm com a auto-moderação: o fato de nos contentarmos com pouco. O engano começa quando começamos a subestimar a enormidade de nossas necessidades e pomonos a pensar que é preciso proporcioná-las às nossas forças, que são naturalmente limitadas [reduzir um pouquinho o desejo]. Então, conformando-nos [...] a desejos falsos como os da publicidade, tomando como meta um resultado qualquer, não buscamos mais nossos verdadeiros interesses,

não fazemos mais o que nos interessa de verdade, não procuramos mais a nossa conveniência. Para dizer a verdade, estamos sempre atrás dela, isso nós não podemos evitar (por sorte), mas, talvez, por medo de uma alegria inesperada, talvez por um – humano e desculpável – medo de sofrer, nos contentemos com pouco. Na prática, o resultado é que nos esforçamos mais para ganhar menos⁷³³.

A razão disso é identificada por Dostoiévski: “Se os homens fossem privados do infinitamente grande, não poderiam mais viver e morreriam desesperados⁷³⁴.”

c) Em outras ocasiões, os desejos se exasperam, a pessoa deseja tudo, deixa-se estimular por qualquer desejo, mas, ao mesmo tempo, nega que exista o objeto desse desejo. Essa exasperação do desejo, às vezes, é chamada de “ditadura do desejo”: já que o homem não pode evitar desejar, acaba por succumbir a essa ditadura terrível, a que Heschel chamava “tirania das necessidades⁷³⁵”. Essa é uma das expressões mais habituais entre nós hoje. “É assim que se anuncia o mundo novo”, escreve Ferrara no jornal *Il Foglio*, “com a ditadura do desejo, com sua transformação em direito, com a intrusão onipotente da técnica, que forja a cultura e impõe sua falsa consciência ou ideologia; e palavras como terapia, autodeterminação da mulher, direito a um filho sadio, desconstrução da família e do matrimônio triunfam sem antídotos, sem verdadeira discussão, sem exame racional. Quem quer pôr à prova o mundo novo, iluminar seus significados, proporcioná-los à realidade finita da humanidade ou à infinitude do divino, no caso das pessoas que têm fé, é considerado obscurantista. A devoção moderna triunfa por toda parte, sem o limite do confronto racional, e tende a tornar-se doutrina, conformismo de massa⁷³⁶.”

O niilismo de que falava Hannah Arendt é a outra face do convencionalismo e da ditadura do relativismo⁷³⁷ de que falava o futuro papa Bento, que não reconhece nada como definitivo e deixa como última medida apenas o próprio eu e as próprias vontades. Clonagem, reprodução assistida, casamentos entre homossexuais, adoções de crianças por homossexuais... são exemplos da exasperação desses desejos: “Se querem fazer, podem fazer; se podem fazer, querem fazer⁷³⁸.”

E por que não? Por que não deveríamos ir atrás de tudo isso? Por que não devemos nos deixar levar por esse caminho? Porque nos interessa não reduzir nosso eu. Por que nos interessa? Por que somos obscurantistas? Porque a pessoa que entende que o coração é exigência de totalidade entenderá logo, fazendo um exame racional, que isso nunca a satisfará. Nós não somos contra essas coisas por nenhum tipo de ideologia, mas porque nunca realizarão o coração, nunca corresponderão a essa espera, a esse desejo de totalida-

de. Todos vemos como hoje, mais do que nunca, muita gente consegue realizar seus desejos, e como hoje, mais do que nunca, triunfa o niilismo.

Não é apenas em razão da exasperação do desejo que nós experimentamos a decepção; no caminho da esperança, dessa promessa, aparece também pela frente a contradição do mal. Nós o vimos bastante este ano: o Tsunami como símbolo dessa contradição, o mal, o pecado, a dor, a morte. Como podemos esperar diante dessa contradição? Como podemos ter esperança, se sucumbimos constantemente a essa dinâmica dos desejos?

3. Quem me ensina a ver o que desejo?

Quem me ensina a ver o que desejo? Quem me faz encontrar uma resposta a tudo isso? Nós também podemos dizer, como Mauriac: “Sempre me enganei quanto ao objeto de meus desejos”³⁹. Muitas vezes, a decepção abala a esperança. Aconteceu-nos alguma coisa que nos faça esperar?

Um grupinho da Faculdade Politécnica me escreve:

“Há algum tempo convidamos para um jantar com padre Fabio todos aqueles que, por vários motivos (como professores, doutorandos, bolsistas), trabalham na Politécnica. No total, mais ou menos trinta pessoas. Nesse jantar, surgiu uma pergunta, que vários deles trouxeram: como o fato de muitas pessoas do Movimento trabalharem na Póli pode incidir sobre o próprio trabalho e a realidade em que todos trabalhamos.

O fato que nos impressionou foi o resultado desse jantar não ter sido uma preocupação organizativa, ou seja, que sermos tantos do Movimento trabalhando lá implique ‘organizar alguma coisa’. Em vez disso, o resultado, para muitos, foi levarem a sério o que o Movimento é para a própria vida, como acontecimento que interessa à própria vida. Esse movimento pessoal de alguns gerou, nestes meses, uma amizade que está se tornando também operativa.

Nas semanas seguintes, imaginamos e realizamos dois momentos ‘públicos’: um encontro eleitoral pró-Formigoni e um jantar pró-AVSI. Esses dois gestos representaram, para nós, uma virada para a nossa presença na Politécnica, pois passou a ser evidente que existem pessoas juntas naquele lugar, não apenas por interesses de trabalho, mas por algo mais. Foi uma virada para nós mesmos, pois vimos, na experiência, que existe uma maneira mais bonita de estarmos em nosso local de trabalho”.

No cotidiano: na rotina do dia-a-dia, pode acontecer algo que faça mais belo, que torne mais bonito estar no local de trabalho.

“Quando contamos essas coisas a padre Fábio, ele nos disse que é importante, diante de coisas como essas que acontecem, tomar consciência do que existe entre nós, do que determina a nossa ação e a maneira como estamos juntos. Essa, então, é a segunda coisa interessante que estamos vivendo: não apenas acontecem fatos interessantes, mas começa a aparecer a consciência daquilo que nos mantém juntos ao fazer aquilo que fazemos. O verdadeiro movimento que está nascendo entre nós, no Movimento, é a surpresa de vermos pessoas que levam a sério a provocação do encontro na vida delas e que, por essa razão – não genericamente, não mecanicamente –, estão entusiasmadas com sua vida e com o que têm de fazer. O que é fascinante é que a nossa amizade começa a ser reflexo dessa consciência. Assim, essa consciência nos junta porque somos ‘chamados juntos’ por um Outro.

A primeira coisa que salta aos nossos olhos hoje, quando vamos trabalhar todos os dias, é que existe um fermento, no sentido de que se vê alguém que se movimenta dentro das circunstâncias com esse desejo vivo. Isso não nasce de um ímpeto organizativo, mas da decisão de não nos esquivarmos do que está acontecendo entre nós em termos de amizade, no sentido profundo da palavra”.

Até no trabalho é possível despertar esse desejo vivo, podemos não sucumbir à rotina, ao achatamento do desejo que faz o trabalho se tornar um túmulo. Se não existe algo desse tipo, é inevitável que o desejo que encontramos em nós, cedo ou tarde, decaia e nos tornemos céticos. Por isso, a primeira decisão é não nos esquivarmos do que acontece.

“Isso gera uma maneira nova de fazer nosso trabalho todos os dias, nas coisas normais que temos de fazer. Uma de nós disse: ‘Esses acontecimentos e o reconhecimento real e efetivo da unidade entre nós tornou meu trabalho sereno e mudou concretamente algumas das minhas maneiras de trabalhar. Por exemplo, a maneira de lidar com os estudantes se tornou mais decidida e mais séria; eu os trato sabendo que eles são confiados a mim, e isso cria uma troca que, justamente dentro do fato de trabalharmos juntos, torna-se naturalmente um confronto de vida, sem que isso se tenha transformado num dever ou em algo obrigatório. Outro exemplo é a perspectiva de carreira, que sempre foi muito obscura e incerta... agora, seja lá como isso se encaminhe, aqui eu tenho uma tarefa evidente. A amizade entre nós, com você, o apoio do meu marido, a relação com os alunos e até com os colegas testemunham isso. Que serenidade impossível!’”.

Esta é a questão, amigos: algo que desperta o desejo e, ao mesmo tempo, dá essa serenidade impossível, que não consiste em apagar o desejo,

mas em despertá-lo de maneira tal que torne vivo tudo o que fazemos, que nos faça estar no trabalho de uma maneira verdadeira, mais intensa, mais dramática, menos formal, mas, ao mesmo tempo, com essa serenidade impossível.

Quem é que faz isso? Quem é que faz isso?! “Tomar consciência do nosso estar juntos torna-se tomar consciência do Outro (com O maiúsculo), do Outro que está na unidade entre nós e no pertencer a essa unidade. Essa é a coisa mais preciosa para nós e para todas as pessoas que encontramos, pois é um fato excepcional. É um fato o que nos faz esperar, o que desperta continuamente a esperança; um fato excepcional, com características diferentes de todas as outras experiências que existem por aí: muda a vida, torna-a mais plena, é a verdadeira esperança”⁴⁰.

Essa é a verdadeira esperança, como um fato excepcional. Encontro, desejo, serenidade impossível. Essa é a esperança. Um encontro, um fato no presente, que desperta o desejo, não como muitos de vocês dizem: “Desperta para não realizá-lo”. Desperta-o e, ao mesmo tempo, dá essa serenidade impossível.

A desproporção estrutural, portanto, não é uma condenação, não é uma desgraça, mas é o que faz tudo se tornar mais intenso graças a esse fato excepcional, e o desejo de totalidade permanece, mas transfigurado nessa serenidade impossível. É uma intensidade de viver, de sentir, de se comover, de trabalhar, de se relacionar com os alunos, com o trabalho, com tudo, mas tudo transfigurado pela Sua presença.

A realização da promessa, a verdadeira esperança está aí, nessa experiência, não apenas na vida eterna; a vida eterna começa aí, nessa experiência se revela um Outro que faz aparecer a pergunta: “Quem é este que desperta o desejo e torna possível essa serenidade impossível?”. Quem foi que introduziu essa novidade na história?

Leiam João, capítulo 4, o relato da samaritana. “Todo aquele que bebe desta água terá sede de novo. Mas quem beber da água que eu lhe darei, esse nunca mais terá sede. E a água que eu lhe der se tornará nele uma fonte de água que jorra para a vida eterna”⁴¹. Não se trata de tirar a sede, como nós pensamos, mas de despertar essa fonte de água que jorra para a vida eterna. Por isso quem tem no coração a sua sede não pode senão dizer, como a Samaritana; “Senhor, dá-me dessa água!”⁴². Que isso aconteça, que eu possa encontrar uma presença como essa, que desperta a sede e preenche e responde, fazendo surgir essa fonte de água!

A samaritana também havia-se perdido por seu desejo (tivera cinco maridos e aquele com quem estava agora não era o seu), mas a sede con-

tinuava. Por isso, mesmo que se cumpram os desejos, a sede continua. Mas ela encontra alguém que não tem medo de seus erros e de sua sede, que leva a sério o seu desejo e revela a ela o que procurava quando errava, revela que por trás do prazer, daquilo que buscava – como dizia Pavese – estava o Infinito. É Ele. Em que reconhecimento que é Ele? Diz São Bernardo: “Perguntas-me como posso tomar conhecimento de sua presença? Ele é vivo e operante, e logo, assim que entrou, despertou minha alma sonolenta; sacudiu, amansou e feriu meu coração, pois estava duro como pedra e doente. Começou a extirpar e a destruir, a construir e a plantar, a irrigar as regiões áridas, a iluminar os recessos tenebrosos [...], a tal ponto, que minha alma se pôs a bendizer o Senhor”⁷⁴³.

Obrigado por existires, ó Cristo, pois, do contrário, a vida seria chata. Pois tu és, ó Cristo, como dizia Guilherme de Saint-Thierry, “o único capaz de me ensinar a ver o que desejo”⁷⁴⁴. Por isso, só a realização do desejo pode nos libertar da ditadura dos desejos. Jesus liberta o desejo realizando-o, liberta a liberdade realizando-a: ainda bem que existes, ó Cristo, pois este desejo é de Ti, e a minha alma pôs-se a bendizer o Senhor.

O que é a liberdade? O que nos diz a experiência da liberdade? Que para ser para si é preciso ser para um Outro que a realiza. Para realizar o desejo devo aceitar um Outro, no qual a vida resplandece, como vimos na vida de padre Giussani e de João Paulo II. Nossa esperança é acolher o Outro no qual a liberdade, o desejo se realizam.

Quanto mais amamos Jesus, nos diz o papa Bento, quanto mais o conhecemos, mais cresce a nossa verdadeira liberdade, mais cresce a alegria de sermos redimidos. Obrigado, Jesus, por tua amizade. Como o Papa nos dizia ainda no domingo passado: “Só quando encontramos em Cristo o Deus vivo, conhecemos o que é a vida. Não somos o produto casual e sem sentido da evolução. Cada um de nós é o fruto de um pensamento de Deus. Cada um de nós é querido, cada um de nós é amado, cada um é necessário. Não há nada mais belo do que ser alcançados, surpreendidos pelo Evangelho, por Cristo. [...] Porventura não temos todos nós, de um modo ou de outro, medo, se deixarmos entrar Cristo totalmente dentro de nós, se nos abirmos completamente a Ele, medo de que Ele possa tirar-nos algo da nossa vida? Não temos porventura medo de renunciar a algo de grandioso, único, que torna a vida tão bela? Não arriscamos depois de nos encontrarmos na angústia e privados da liberdade?”⁷⁴⁵. E mais uma vez o Papa quis dizer, lembrando João Paulo II: “Não! Quem faz entrar Cristo nada perde, nada, absolutamente nada daquilo que torna a vida livre, bela e grande. Não! Só nesta amizade se abrem de par em par as portas da vida. Só nesta amizade se abrem realmente as grandes potencialidades da

condição humana. Só nesta amizade experimentamos o que é belo e o que liberta. [...] Não tenhais medo de Cristo! Ele não tira nada, ele dá tudo. Quem se doa a Ele recebe o cêntuplo”. Aqui está a decisão: “Abri de par em par as portas a Cristo e encontrareis a vida”⁴⁶.

Aqui está a decisão, aqui está a resposta ao “Segue-me” de ontem à noite. Nossa liberdade se dá diante dessa decisão.

Peçamos a Nossa Senhora que sejamos simples e amemos nosso verdadeiro bem.

SANTA MISSA

HOMILIA DE SUA EXCELÊNCIA DOM CARLO CAFFARRA
ARCEBISPO DE BOLONHA

“Durante a noite, Paulo teve uma visão: na sua frente estava de pé um macedônio que lhe suplicava: ‘Vem à Macedônia e ajuda-nos!’”⁴⁷.

Caríssimos irmãos e irmãs, estas simples palavras narram um dos maiores acontecimentos da história, em particular da história da nossa Europa. Quando São Paulo, obedecendo à visão que teve em sonho, embarcou em Trôade com seus colaboradores para a Macedônia, “pois estávamos convencidos de que Deus acabava de nos chamar para pregar-lhes o Evangelho”⁴⁸, marcou o início de um mundo novo, pois introduziu na civilização humana o evento da *missão*. A missão, ou seja, o fato, testemunhado por alguns homens, de que existia uma resposta ao pedido de sentido invocado e desejado pelo próprio homem. Uma resposta que vale para *todo homem* qualquer que seja o céu, a condição e a latitude em que se encontre, simplesmente porque é *a resposta verdadeira*.

A dimensão da proposta cristã como verdade é a razão última da exigência que nela habita, exigência de expressar-se e propor-se a todos os homens. Quando essa dimensão se obscurece ou, pior ainda, é negada, o cristianismo inevitavelmente se torna uma opinião que pode ser julgada segundo uma medida subjetiva; ou é pensado como uma invenção, uma produção do homem.

O Apóstolo estava bem ciente disso quando escrevia aos Coríntios: “Se Cristo não ressuscitou, a nossa pregação é vã e a vossa fé é vã também. Nesse caso, nós seríamos testemunhas mentirosas de Deus, porque teríamos atestado – contra Deus – que ele ressuscitou Cristo, quando de fato ele não o teria ressuscitado”⁴⁹. Se a pregação cristã não testemunha um fato realmente acontecido, induz a uma crença que exprime apenas necessidades e desejos subjetivos do homem, à qual nada corresponde, a não ser o que o sujeito experimenta. O homem fica prisioneiro de si mesmo.

O homem hoje não é muito ajudado a sair dessa prisão – é preciso reconhecê-lo – nem mesmo por certo tipo de teologia e de catequese, muito sutil e astuta em seu procedimento e em sua linguagem, mas que não raro deixa quem a escuta na incerteza quanto ao *ponto fundamental*: se Jesus Cristo é uma pessoa real, viva hoje entre nós, de modo que nos seja dado poder encontrá-lo.

De que forma a pessoa humana se depara hoje com a realidade testemunhada pelo missionário, saindo da prisão da subjetividade? Onde é que

pode encontrar-se com o Fato que torna verdadeira a nossa pregação? É na Igreja que esse encontro pode acontecer, e é por meio da Igreja que o homem se depara com a Realidade do Ressuscitado. A fé – escreve Tomás – não termina na fórmula, mas chega até à própria Realidade crida. Caríssimos, ou a esperança se baseia e é gerada por uma Presença ou é puro sonho e utopia. E quando acordamos, os sonhos se esvaem: a vaidade da fé [vaidade no sentido paulino] gera uma esperança vazia. Um anestésico ao nosso mal de viver que não é digno do homem.

“Se o mundo vos odeia, sabeí que primeiro me odiou a mim”⁵⁰. O encontro com a pessoa do Ressuscitado vivo na Igreja gera uma companhia, uma amizade com Ele, um pertencer a Ele que nos faz viver e nos transforma nEle. Acontece uma verdadeira regeneração da nossa humanidade. Gregório Magno fala de Cristo como de uma “forma cui imprimimur”.

Qual é o sinal dessa impressão da forma de Cristo na nossa pessoa? A página evangélica nos dá hoje uma resposta desconcertante: o sinal é o ódio do mundo. A realidade presente hoje no mundo, a realidade de Cristo em sua comunidade e de sua comunidade em Cristo, digamos, numa palavra, *a realidade da Igreja* enquanto tal é odiada pelo mundo enquanto tal.

Por que essa oposição? A razão é o pertencer do discípulo do Senhor a um universo que é incomparável com o universo mundano; quem pertence a um não pertence ao outro: “Porque não sois do mundo, porque eu vos escolhi e aparteí do mundo, o mundo por isso vos odeia”⁵¹. A escolha de Cristo nos extrai do mundo; nos faz de natureza diferente da mundana: por isso, o mundo não nos reconhece mais como seus e nos odeia.

Caríssimos irmãos e irmãs, esta página evangélica deve ser levada muito a sério; não podemos deixá-la de lado.

Não muito tempo atrás, discutiu-se se na Europa estava em ação ou não uma real perseguição à Igreja. À luz do Evangelho de hoje, a questão se resolve bastante facilmente. Está escrito no Evangelho, na página evangélica de hoje, que o ódio pela Igreja existe sempre e por toda parte. O ódio contra a caridade, contra a humildade e a castidade, contra a glorificação de Cristo, único salvador do mundo; perguntar-se se existe esse ódio é uma questão inútil. Mas não é inútil perguntar-se se esse ódio existe para com cada um de nós, enquanto pessoas que glorificam a Cristo, que vivem seu mandamento: se isso não acontece, é porque pertencemos ao mundo. Aí, não há necessidade de que eu seja odiado: eu já me odeio sozinho; não é preciso que a presença cristã seja perseguida, porque já se auto-liquidou e dissolveu. Somos servos que quiseram ser maiores – mais espertos, mas sabidos – do que seu

senhor. Mas quando o servo não quer ser maior do que seu senhor, fiquem certos: é odiado e perseguido.

Caríssimos, é a primeira vez que vocês vivem seus Exercícios Espirituais depois da morte de seu pai fundador, monsenhor Giussani. Terminando-lhes uma reflexão dele que sintetiza, com a força que só possui aquele que recebeu um carisma fundador, o que procurei pobremente dizer-lhes:

“A vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e àquele que tu enviaste, Jesus Cristo”⁵². Ou é verdade ou não é. Se não é verdade, o que existe é nada, é coisa alguma. O nada. Mexa-se o quanto quiser, ó homem, poderá construir simulacros, mas não poderá evitar o nada que está atrás deles.

Aquilo pelo qual Cristo foi enviado, aquilo pelo qual cada cristão foi enviado é uma batalha entre a verdade e o mal, entre Deus e Satanás, entre Deus e o “Inimigo” (como me escreveu um jovem outro dia). Pois o pecado original, que vem como veneno desse Inimigo, não é apenas a quase ridícula tentativa de pôr nosso eu no lugar de Deus (como se nosso eu fosse criador, pudesse competir com a palavra “criador”); é muito mais uma coisa que podemos cultivar em nós também, hospedar em nós, por encomenda de Satanás, e do qual podemos realmente sofrer as consequências: é o desafio a Deus, um ódio a Deus, pois, se Jesus foi morto, foi por um ódio à verdade. “‘Estes soberbos tempos de ocas esperanças/ Alimentados, do charlar amantes,/ Estultos de virtude, que o útil buscam,/ Sem ver que a vida assim se torna inútil’, dizia Leopardi em ‘*O pensamento dominante*’, e é muito mais a descrição dos nossos tempos do que dos dele”⁵³.

Vocês estão aqui para que sua vida não se alimente de “ocas esperanças”, nem seja “do charlar amante”: seja uma vida verdadeira, isto é, real. A consistência da realidade da vida é medida pela consistência do nosso pertencer a Cristo.

ANTES DA BÊNÇÃO FINAL

Carrón. Agradecemos a Sua Excelência Dom Caffarra, que sentimos como um de nossos amigos mais próximos, sobretudo na insistência sobre a razoabilidade da fé e sobre a concepção da educação como introdução à realidade.

Dom Caffarra. Sou muito grato a padre Julián e a padre Pino pelo convite que me fizeram para celebrar esta Eucaristia com vocês. Exprimo agora minha gratidão, certamente com um dos dons mais preciosos que um bispo pode conceder aos discípulos do Senhor, ou seja, com a bênção, mas também lhes garanto uma outra expressão de gratidão. Esta noite, a Igreja bolonhesa começa a viver um dos momentos mais intensos de sua peregrinação terrena: será visitada por Nossa Senhora de São Lucas. Chegará hoje, descendo de sua colina, e ficará na Catedral uma semana inteira.

Sendo assim, expressei minha gratidão a padre Julián, a padre Pino, a cada um de vocês prometendo-lhes que esta noite, durante a vigília dos jovens na Catedral, levarei todos vocês, cada um de vocês aos pés de Maria. São bem poucos aqueles entre vocês que eu conheço, mas isso não é importante, pois Nossa Senhora os conhece, e isso é suficiente!

Levarei cada um de vocês esta noite a seus pés, cada um de vocês com tudo o que de belo, grande, verdadeiro, justo tem em seu coração.

Sábado, 30 de abril, tarde

■ SEGUNDA MEDITAÇÃO

Qual é a esperança que não decepciona?

Na entrada e na saída:

*Wolfgang Amadeus Mozart, Concerto em Dó Menor para Piano nº 20, K466,
I. Markevitch – C. Haskil, Orchestre des Concerts Lamoureux
“Spirto Gentil”, Philips*

1. A flor da esperança

Julián Carrón. Qual é a esperança que não decepciona?

Péguy descreveu magistralmente a dificuldade da esperança. “A fé não me surpreende./ Não é surpreendente./ Resplandeço de tal forma em minha criação [diz Deus]./ No sol e na lua e nas estrelas./ Em todas as minhas criaturas [...]./ E no homem./ Criatura minha [...]./ No homem e na mulher, sua companheira./ E sobretudo nas crianças./ Criaturas minhas [...]./ Resplandeço de tal forma em minha criação [...]./ Que para não me ver de verdade seria preciso que essa pobre gente fosse cega./ A caridade, diz Deus, não me surpreende./ Não é surpreendente./ Essas pobres criaturas são tão infelizes que, a menos que tivessem um coração de pedra, como não teriam caridade umas com as outras?/ Como não teriam caridade para com seus irmãos?/ Como não tirariam o pão da boca, o pão de cada dia, para dá-lo a crianças infelizes que passam?/ E meu filho teve por eles uma caridade como essa./ Meu filho, irmão deles./ Uma caridade tão grande./ Mas a esperança, diz Deus, é isso que me surpreende./ A mim mesmo./ Isso é surpreendente./ Que esses pobres filhos vejam como vão as coisas e acreditem que serão melhores no dia seguinte./ Que vejam como vão as coisas hoje e acreditem que serão melhores amanhã de manhã./ Isso é surpreendente e é realmente a maior maravilha de nossa graça./ E eu mesmo fico surpreso com isso./ E é preciso que a minha graça seja de fato de uma força incrível./ E que brote de uma fonte e escorra como de um rio inesgotável [...]./ A fé vai por si só. A fé caminha sozinha. Para crer, basta apenas deixar-se levar, basta apenas olhar. Para não crer seria preciso fazer uma violência contra si mesmo, torturar-se, atormentar-se, contrariar-se. Enrijecer-se. Virar-se do avesso, virar-se de pernas para o ar, corrigir-se. A fé é toda natural, toda familiar, toda simples [...]./ Para

não crer, menina, seria preciso tamar os olhos e os ouvidos. Para não ver, para não crer./ A caridade infelizmente caminha pelas próprias pernas. Para amar ao próximo, basta apenas deixar-se levar, basta apenas olhar para semelhante desolação. Para não amar ao próximo, seria preciso fazer uma violência contra si mesmo, torturar-se, atormentar-se, contrariar-se. Enrijecer-se. Fazer-se mal [...]./ Para não amar ao próximo, menina, seria preciso tamar os olhos e os ouvidos./ A tantos gritos de desolação./ Mas a esperança não caminha por si mesma. A esperança não vai sozinha. Para esperar, minha menina, é preciso ser muito feliz, é preciso ter obtido, recebido uma grande graça⁷⁵⁴.

Como é verdade que a esperança não caminha por si mesma. Mesmo que alguém reconheça que lhe aconteceu algo na vida, como todos nós que estamos aqui, isso não significa que ele tem esperança. Há muitas pessoas, talvez aqui entre nós, decepcionadas com o Movimento e, no fundo, com Cristo, pois dizem: “Sim, é capaz de despertar o eu, de despertar uma esperança, de fazer uma promessa, mas não é capaz de cumprir essa promessa despertada pelo encontro”. Não podem negar que algo lhes aconteceu, mas não esperam mais, dão-se conta de que esperar é uma outra coisa.

É verdade: para esperar, é preciso ter recebido uma grande graça. Mas que graça? Qual é a grande graça, a maior graça que todos nós recebemos? O encontro com Cristo no encontro com uma presença que fez nosso coração ter um sobressalto, o fato de que nos tenhamos sentido olhados com uma ternura como nunca antes, abraçados como nunca poderíamos ter sonhado, perdoados como ninguém poderia imaginar, e isso testemunha que Cristo está presente, que a presença de Cristo, de forma nova, existe na história. E se nós entendermos o que entrou na nossa vida com o encontro, se não reduzirmos o encontro a uma coisa entre muitas outras, se realmente entendermos o que significa aquilo que chamamos “correspondência impossível”, saberemos o que Ele significa. Como vimos na Escola de Comunidade, o que permanece entre nós não é apenas a Sua obra, não é apenas a Sua doutrina ou a Sua inspiração, ou a Sua causa; isso não bastaria para despertar o coração, para nos interessar por muito tempo; o que permanece é realmente Ele: “Eis que estarei convosco todos os dias, até ao fim do mundo”⁷⁵⁵. Por isso, quando, depois do encontro, dizemos que ele não realiza, é porque não entendemos a novidade que entrou em nossa vida e reduzimos o encontro ao aspecto mais superficial, àquilo que pode passar, mas não captamos o que é realmente novo, aquela graça de que fala Péguy.

Por isso, o encontro abre um caminho que nós temos de percorrer, que é olhar continuamente para essa graça que entrou na nossa vida, se qui-

sermos ter a esperança. A esperança – nos diz padre Giussani – nasce como flor da fé, desse reconhecimento. Quando dizemos que não temos esperança, que estamos decepcionados, a questão é a certeza da fé; por isso, temos de insistir nessa certeza, e o caminho que temos de seguir existe para que alcancemos uma certeza cada vez maior: todo o caminho pedagógico de padre Giussani tem como meta a razoabilidade da fé. Uma fé certa, madura – disse-nos o Papa –, e para chegar a isso é preciso percorrer o caminho que os discípulos fizeram, segundo duas indicações de método: convivência ao longo do tempo com essa Presença e atenção aos sinais. E quanto mais a pessoa percorre o caminho com a presença de Cristo, mais verifica o cêntuplo na vida. Bento XVI nos lembrava isso também: o cêntuplo, que é o início da realização da esperança, da realização do desejo do coração. Se a esperança não desabrocha como fruto da fé, é porque não entendemos o que aconteceu, é porque ainda não chegamos a essa certeza, não verificamos o que entrou na nossa vida, e por isso temos de sustentar uns aos outros e nos ajudar a percorrer esse caminho, pois a grande graça da qual nasce a esperança é a certeza da fé.

É muito simples, não é complicado. A certeza da fé é a mesma que uma criança tem na mãe, a certeza do reconhecimento de uma presença boa para a criança, como para cada um de nós, adultos. O mundo pode desabar e essa certeza permanece, até o ponto em que não podemos pensar no futuro sem termos certeza do amor da nossa mãe; se a pessoa tem certeza, se fez o percurso normal da vida com sua mãe, não pode evitar, ao pensar no futuro, não pode imaginar que algumas vezes sua mãe não lhe quererá bem. Experimentem, é simples: uma certeza como a das crianças. A esperança nasce como uma flor, quase sem se dar conta, da fé, ou seja, da certeza que a criança tem, tanto que não pode pensar no futuro, seja lá o que aconteça, sem estar certa de que sua mãe lhe quererá bem.

Da mesma forma, os discípulos – diz-nos padre Giussani no belíssimo capítulo sobre a esperança em *É possível viver assim?* –, quando despertavam pela manhã, deviam sentir que pertenciam àquele homem, para que pudessem fundar naquele homem uma esperança para o futuro: “Para onde iremos?”. Essa certeza era o que os fazia esperar, ter esperança no futuro. Era aquele homem a quem aceitavam pertencer que fundamentava a sua certeza quanto ao futuro. Estavam contentes por ter Jesus. Já os parentes de Jesus pensavam: “Esse cara é louco!”. Não o possuíam, não estavam em unidade com Ele, não estavam ligados a Ele, não tinham essa certeza, Cristo não estava ligado a eles, não era nada para eles, não o tinham, e por isso os parentes não podiam apoiar nEle nenhuma perspectiva para o futuro.

Por isso – lembrava-nos padre Giussani –, a esperança tem uma nexa radical com a palavra “memória”, de forma tal que, sem memória, não pode haver esperança: a memória entendida como o reconhecimento de uma Presença presente, que fundamenta a nossa esperança.

2. A esperança, certeza no futuro por força de uma realidade presente

Uma das razões pelas quais nós muitas vezes nos decepçionamos pelo fato de que Cristo não realizaria é a forma como imaginamos a realização. “Se tivemos o encontro”, dizemos, “Cristo deve preencher o coração”. E como concebemos isso? Da forma como se enche um copo d’água, que, uma vez cheio, não se pode mais pôr água nele; a partir daí, então, a pessoa não deseja mais. É uma concepção mecânica da realização ao desejo, mas essa é – no fundo – a nossa esperança: não ter buracos, não ter mais desejos, não ter mais drama. Mas, sendo que eu, depois do encontro, continuo ainda a desejar, isso significa, na nossa maneira de ver, que Cristo não realiza, que Cristo não é a verdade, que zombou de nós, porque não é capaz de preencher realmente o coração. Em síntese, Cristo desperta, mas não realiza a promessa. Ainda bem que não é assim! Ainda bem que não acontece segundo a nossa imaginação.

Escreve São Bernardo: “Creio que nem mesmo quando o tivermos encontrado deixaremos de buscá-lo”. Alguém imagina que pode encontrar a pessoa amada e depois não ir procurá-la no dia seguinte? “Creio que nem mesmo quando o tivermos encontrado deixaremos de buscá-lo. Deus [...] é buscado [...] por meio do desejo, e com o evento feliz de sua descoberta não apaga em nós seu santo desejo, mas o aguça. Acaso o ápice da alegria coincide com a supressão do desejo?”⁵⁶. Não.

“Só esse Bem [...]”, escreve São Gregório de Nissa, “é realmente doce, desejável e amável; gozá-lo [justamente porque o encontrei, eu posso gozá-lo] torna-se cada vez mais um impulso para um desejo maior”⁵⁷. Justamente porque o encontrei, desejo-o cada vez mais; justamente porque me realiza, desejo-o cada vez mais. Ainda bem que não acontece como imaginamos!

Então, o fato de o desejo existir não é sinal de que não encontramos a resposta, mas justamente o contrário: que a encontramos e, por isso, continuamos a buscá-la. Porque todos aqueles que não a encontram não continuam a buscar, já são céticos, não buscam mais nada. Vejam quantas pessoas vocês conhecem que aos quarenta anos não são céticas. Dizia padre Giussani em *Avvenimento di libertà*: “Não é como quem tem sede e vai be-

ber e, depois de ter bebido, não tem mais sede, volta e abandona a fonte; em vez disso, é como alguém que tem sede e mergulha a cara na água da fonte e bebe, e quanto mais bebe mais tem sede, onde beber significa, portanto, satisfazer continuamente uma sede contínua”⁵⁸. Satisfazer continuamente: ainda bem que estás aqui e podes continuamente satisfazer esse desejo, e por isso vale a pena levantar-se de manhã para ver-te mais uma vez, para encontrar-te mais uma vez. Do contrário, por que valeria a pena levantar-se de manhã?

É essa dinâmica da fé que se torna certeza quanto ao futuro – diz padre Giussani –, transformando-se em desejo, tornando-se pedido; é um encontro que solicita, que desperta as exigências do coração, e elas se põem a desejar porque se trata de um futuro certo.

São Paulo o descreveu em Filipenses 3,7-15 de uma forma insuperável: “Mas essas coisas, que eram vantagens para mim, considere-as como perda, por causa de Cristo. Na verdade, considero tudo como perda diante da vantagem suprema que consiste em conhecer a Cristo Jesus, meu Senhor. Por causa dele eu perdi tudo. Considero tudo como lixo, para ganhar Cristo [o que ele tinha encontrado?, tudo é como lixo em comparação a Cristo] e ser encontrado unido a ele, não com minha justiça provindo da Lei, mas com a justiça por meio da fé em Cristo, a justiça que vem de Deus, na base da fé. Esta consiste em conhecer a Cristo, experimentar a força da sua ressurreição, ficar em comunhão com os seus sofrimentos, tornando-me semelhante a ele na sua morte, para ver se alcanço a ressurreição dentre os mortos. Não que já tenha recebido tudo isso, ou que já seja perfeito. Mas corro para alcançá-lo, visto que já fui alcançado por Cristo Jesus”. Porque fui alcançado por Ele, corro para alcançá-lo. Porque uma pessoa me agrada, corro para conquistá-la. Porque o encontrei, corro, não paro.

“Irmãos, eu não julgo que eu mesmo o tenha alcançado, mas uma coisa faço: esquecendo-me do que fica para trás e avançando para o que está adiante, prossigo para o alvo, para o prêmio da vocação do alto, que vem de Deus em Cristo Jesus”⁵⁹. Justamente porque fui conquistado por Cristo, porque aconteceu essa correspondência impossível, essa serenidade impossível, volto-me para Cristo: o encontro excita o desejo, aguça o desejo, quer mais, é preciso mais! Então começa um caminho sem parada, um tender sem limites, a partir da certeza dEle.

Mas como se realiza tudo isso? Não segundo os nossos esquemas, mas abandonando-nos à Presença que encontramos.

Meu desejo só se realiza na medida em que me abandono à Presença que a fé reconheceu. “As exigências do coração”, diz padre Giussani em *É possível viver assim?*, “dizem que o objeto do coração existe, no futuro existe,

porque o homem é destinado a ser feliz, justo, verdadeiro. [...] Mas a certeza de que isso acontecerá não pode ser sustentada pelo nosso coração. A certeza de que isso acontecerá pode somente derivar da Presença que a fé reconhece [não somos nós, é Ele], da Presença excepcional que a fé reconhece. [...] A dinâmica da esperança é um desejo que não duraria no tempo, seria sempre amargamente decepcionado, se não fosse sustentado, regido como razão pela fé, pela certeza no poder da grande Presença”⁶⁰.

Por isso, da consciência de que não somos nós, mas de que é a Sua presença que realiza, surge o pedido a essa Presença. A nossa liberdade se exprime como pedido a essa Presença, de que ela realize. “O desejo”, escreve São Bernardo, “acaso não é invocação? Claro, e também forte”⁶¹.

Por isso – afirma Santo Agostinho –, “o teu desejo é a tua oração”. O desejo que essa Presença desperta, o desejo de que essa Presença invada a vida, “o teu desejo é a tua oração; se é contínuo o desejo, contínua é a oração. Pois o Apóstolo não disse em vão: *rezando sem interrupção*. Acaso nós ininterruptamente dobramos os joelhos, prostramos o corpo ou levantamos as mãos, para cumprir a ordem: *rezai sem interrupção*? Se compreendemos a oração deste modo, creio que não a podemos fazer sem interrupção. Mas há uma outra oração interior que não conhece interrupção, e é o desejo [não podemos ficar sempre de joelhos, mas podemos desejar sempre]. O que quer que tu faças, se desejas aquele sábado [onde está o repouso], nunca deixas de rezar. Se não queres interromper a oração, nunca deixes de desejar. Teu desejo contínuo será tua voz contínua. [...] O gelo da caridade é o silêncio do coração: o ardor da caridade é o grito do coração”⁶². Por isso, a oração, o pedido é a assiduidade contigo, Cristo, que permite atravessar a espessura das trevas, como diz Isaac de Nínie: “Torna-nos dignos, meu Senhor, daquela assiduidade contigo que permite atravessar a espessura das trevas”⁶³.

Esse desejo dilata o coração e o faz disponível ao dom que o Senhor quer conceder a cada um de nós. “O desejo”, continua Santo Agostinho, “é o recôndito mais íntimo do coração. Quanto mais o desejo dilatar nosso coração, mais nos tornaremos capazes de acolher a Deus. Contribuem para acender em nós o desejo a divina Escritura, a assembléia do povo, a celebração dos mistérios, o santo batismo, o canto de louvor a Deus, até a nossa pregação [se não fizermos todas essas coisas, como pode se acender o desejo? Vendo televisão?]: tudo está destinado a semear e a fazer brotar esse desejo, mas também a fazer com que ele cresça e se dilate cada vez mais até se tornar capaz de acolher o que o olho não vê, nem o ouvido ouve, nem o coração do homem nunca conseguiu imaginar”⁶⁴.

A forma da realização do desejo não é o que nós imaginamos, reduzindo de novo a estatura do nosso desejo, como dissemos esta manhã. A

forma da realização é Ele, é a Sua presença. Se o que deve prevalecer é a exigência de felicidade que o coração tem, isto se realizará segundo a forma que o mistério da grande Presença estabelece, e esta forma – diz padre Giussani – nada mais é que a própria grande Presença. A forma da realização do desejo não é a imagem da realização que você tem, mas é Ele, a forma é o próprio Cristo, e toda a dificuldade que temos na vida está em entender isso. Mesmo depois desta manhã, uma pessoa me escreveu: “Espero um filho, e é uma desproporção às vezes tão forte, que me tira a respiração, torna-se sufocante, cortando em mim qualquer esperança”. Como se a realização de seu eu fosse essa forma. A partir daí podemos abrir todas as possibilidades: quando a pessoa não encontrou a pessoa amada; quando a encontrou e ela não lhe responde; quando a encontrou e ela lhe responde, mas faltam os filhos; quando têm os filhos e eles depois se casam, etc.

Estamos sempre atrás de alguma outra coisa, e com toda a dificuldade que temos para reconhecer a natureza do desejo – pois não a entendemos –, não paramos de desejar outras coisas. Ponham no lugar disso o trabalho, ponham no lugar disso o marido ou a mulher, ponham no lugar disso os amigos, ponham no lugar disso a Fraternidade, ponham no lugar disso a casa do Grupo Adulto e vocês vão encontrar sempre o mesmo: sempre existe alguma outra coisa que vocês desejam.

A forma da resposta a esse desejo é o próprio Cristo, “a Sua doce presença”. Por isso, diz genialmente Hugo de São Vítor: Ele “vem, não para preencher o desejo [no sentido em que nós gostaríamos], mas para atrair o afeto”⁶⁵ a Ele. Tudo depende de que nosso afeto seja todo por Ele, pois, aí, as coisas começam a entrar nos eixos. Esperar, portanto, não significa esperar algo de Deus, mas o próprio Deus. Pelo fato de que nossa natureza é desejo do Mistério, do Infinito, é o próprio Deus o único capaz de preencher o desejo; mas, se já reduzimos o desejo desde o início, como podemos entender? Por isto, não nos alegramos, não estamos contentes por despertar de manhã e saber que Ele existe, e que isso é tudo – pelo fato de que Ele existe, isso é tudo –, e que a graça é tê-lo encontrado, ter encontrado a Ele e que Ele continue presente (“Eis que eu estarei convosco todos os dias, até ao fim do mundo”⁶⁶), e que a mim é dada ainda hoje a graça de reconhecê-lo.

Continua Santo Agostinho: “Seja o Senhor teu Deus a tua esperança; não esperes algo do Senhor teu Deus, mas teu próprio Senhor seja a tua esperança. Muitos [...] esperam de Deus algo além dEle; mas tu busca o teu próprio Deus; [...] esquecendo as outras coisas, lembra-te dEle; deixando tudo para trás, volta-te para Ele. [...] Ele será teu amor”⁶⁷.

Portanto, a forma da esperança – diz-nos padre Giussani – é pedir continuamente: “Vem, Senhor!”, pois “Eu sou o Mistério que falta em todas as coisas que saboreias, pois o que te falta continuamente em todas as coisas sou eu”⁶⁸, esse eu do qual hoje conhecemos a face, o rosto: é Cristo, “a Sua doce presença”, pois Sua presença é a única que contenta.

“Qual é, então, o objeto da nossa esperança”, diz ainda Santo Agostinho, “que, uma vez presente, inserindo-se como realidade, faz cessar a esperança? Qual é? É a terra? Não. Algo que deriva da terra, como o ouro, a prata, a árvore, a messe, a água? Nenhuma dessas coisas. Algo que voa pelo espaço? A alma o repele. Acaso é o céu, tão belo e ornado de astros luminosos? O que existe de mais deleitável, de mais belo entre essas coisas visíveis? Não será nem isso. E o que é? Estas coisas agradam, são belas, são boas estas coisas: procura quem as fez, ele é a tua esperança. [...] Dize-lhe: ‘Tu és a minha esperança’”⁶⁹.

Portanto, a esperança é a realização da afeição, diz padre Giussani em *Vivendo nella carne*. Só Ele, só Ele é capaz de satisfazer, de realizar verdadeiramente a afeição⁷⁰. Pois “a contemplação de teus bens é certamente para nós um doce alívio”, escreve Guilherme de Saint-Thierry, “mas não nos sacia perfeitamente [ainda que tenhamos tudo] sem a tua presença”⁷¹. Por isso, “todos os homens”, frisa ainda Santo Agostinho, “ardem de desejo; mas como é difícil encontrar alguém que diga: ‘A minha alma tem sede de vós!’”⁷². No entanto, assim é, pois “a vida do homem”, como confirma Santo Tomás, “consiste no afeto que principalmente a sustenta e no qual encontra sua maior satisfação”⁷³. A satisfação está na afeição a Cristo.

O reconhecimento de que Cristo é a consistência de tudo, chama-se oferta. A oferta é o reconhecimento de Cristo, de que Cristo é a substância de toda a vida, é a consistência de tudo, ou seja, é o valor da relação entre o homem e qualquer realidade da vida. Por isto, a oferta é a consequência última da fé, desse reconhecimento: “Tu és, ó Cristo, o valor de tudo”, “a Tua presença vale mais do que a vida”, “vosso amor vale mais do que a vida”.

O reconhecimento de Cristo em nós é obra do Espírito Santo, como diz São Paulo: “Ninguém pode dizer: ‘Jesus é o Senhor’ [ou seja, um reconhecimento pleno, total, de Cristo] a não ser pelo Espírito Santo”⁷⁴. Por isso, “a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado”⁷⁵. A única esperança que não decepciona é essa presença poderosa de Cristo, que é tornada possível apenas pelo Espírito. Por isso, devemos pedir continuamente – como nos ensinou padre Giussani – *Veni Sancte Spiritus, veni*

per Mariam, pois sem Ti pomos a esperança onde cedo ou tarde nos sentimos decepcionados. Tu és a única esperança que não decepciona, ó Cristo. E nós, que somos pobres coitados, só podemos dizê-lo por obra do Espírito Santo.

Tudo isso acontece por meio das circunstâncias da vida, pois todas as circunstâncias da vida, boas ou ruins, são a oportunidade de fazer resplandecer o que é Cristo, não são um obstáculo à nossa esperança, mas a oportunidade de ver como Cristo vence em todas as circunstâncias. Por isso, atravessar todas as circunstâncias, toda a história da vida, é a possibilidade de que essa esperança seja cada vez mais certa, mais firme. Ela só pode ser “vencida” pelas nossas imagens – diz padre Giussani –, pelas imagens que fazemos de como – se Deus fosse inteligente – deveria responder às nossas expectativas.

3. O lugar da esperança

“Existe um lugar”, diz padre Giussani no livro menos lido de todos, que é o da Fraternidade de Comunhão e Libertação, “um instrumento, no qual Cristo vitorioso pode ser reconhecido, percebido, experimentado como companhia que dá consistência à vida, presença que é raiz contínua, fonte inesgotável – disse à Samaritana – da esperança: a comunhão cristã”⁷⁶. O lugar da nossa esperança é a comunhão cristã, que é a Igreja.

“A comunhão cristã”, escreve Möhler, “é um milagre contínuo do Espírito divino, uma demonstração contínua da sua presença e da sua obra direta; desta, melhor ainda, é a demonstração mais tocante para quem é sensível ao que é realmente grande e elevado”⁷⁷. Se fôssemos sensíveis, veríamos que é tão milagrosa que só pode ser obra do Espírito Santo.

A modalidade concreta, dentro da Igreja, desta comunhão por meio da qual Cristo nos alcançou é o carisma de padre Giussani. E agora, depois de seu falecimento, podemos nos perguntar: onde está a esperança?

No ano passado, quase como preparação para os acontecimentos que estavam para se dar, todos vocês se lembram, lemos uma passagem dele, onde nos encorajava a transpor a atração: “A norma”, dizia, “é que o Senhor nos atraia mediante uma trama cheia de sedução, um encontro fascinante, um relacionamento belo, cheio de promessa. Mas, assim como para os apóstolos a sedução do relacionamento com Cristo foi destruída pela Sua paixão e morte, essa sedução deve ser destruída, pois até quando permanecer segundo a lógica do início, não seria Deus, não seria o acontecimento de Cristo que nos muda, permaneceria ainda uma lógica mundana”⁷⁸. É como se estivesse nos preparando.

“É bom para vós que eu parta” (Jo 16, 7), diz Jesus aos discípulos exatamente antes de ir embora. “Agora, parto para aquele que me enviou – diz Jesus – e nenhum de vós me pergunta: Para onde vais? Mas, porque vos disse isto, a tristeza encheu os vossos corações. No entanto, eu vos digo a verdade: é bom para vós que eu parta; se eu não for, não virá até vós o Paráclito; mas, se eu me for, eu vo-lo mandarei. [...] Quando vier o Espírito da Verdade, ele vos conduzirá à plena verdade. Pois ele não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido; e até coisas futuras vos anunciará”⁷⁹.

Por que convém aos discípulos que Jesus vá embora? Porque virá o Espírito Santo, que fará Jesus se tornar mais dos discípulos, mais deles; Jesus não continuará a ser exterior, mas se tornará cada vez mais deles, mais dos discípulos, e “quando vier o Espírito da Verdade, ele vos conduzirá à plena verdade”. Só por meio da presença interior do Espírito os discípulos chegarão a entender plenamente Jesus.

Num Retiro de Noviços de 1997, padre Giussani comentava a frase de São João “É bom para vós que eu parta” desta forma: “Quando muda carnalmente, visivelmente, quando sensivelmente muda o amigo com o qual havíamos percorrido um trecho de caminho juntos, aliás, que recolheu todo o nosso cansaço, depois da confiança do início, [...] a alguns vem o pensamento: ‘Agora seremos menos ajudados, estaremos menos seguros’. O fato de vir a faltar a contingência que Cristo usou para entrar em nossa vida nos amedronta. Se desaparece a pessoa [ou seja, ele, padre Giussani, que o dizia] pela qual nos entregamos uns aos outros, que nos acompanhou, isso se torna fonte de medo, de pavor”. [...] – e ele o dizia seguindo Jesus, como vimos no Evangelho – “É melhor que assim seja. Quando perdemos o apego à modalidade com que a verdade nos foi comunicada, [...] assumimos uma atitude de liberdade diante da modalidade pela qual as coisas foram ditas, é então que a verdade da coisa começa a emergir claramente”⁸⁰.

Toda a nossa esperança, portanto, é que o carisma permaneça, mas – como diz Giussani – ele só pode permanecer por meio de uma modalidade diferente. Como Jesus: Jesus permanece, permanece entre nós, como permanece entre os discípulos depois de Sua morte, por meio de uma modalidade diferente. A modalidade por meio da qual o seu carisma pode permanecer vivo para nós é semelhante à modalidade por meio da qual Cristo permanece, como estudamos na Escola de Comunidade: uma continuidade diferente, uma continuidade misteriosa. Está sempre à espreita entre nós a tentação de separar Cristo da Igreja. Por isto, a primeira coisa que devemos pedir é que não sucumbamos a essa tentação, pois a tentação protestante está sempre aí:

uma exaltação tão grande de Cristo que evita qualquer “contaminação” de Cristo, de forma tal que O perdemos, e Cristo se torna para nós primeiramente uma inspiração, para depois se tornar um conjunto de regras, uma ética, para depois se tornar nada. Com padre Giussani pode ser a mesma coisa: podemos exaltar padre Giussani, que no início continua entre nós apenas como inspiração de nossos pensamentos, para depois se tornar um conjunto de regras com as quais mais ou menos nos ajudamos a caminhar, para depois pouco a pouco se tornar nada.

Por isso, ele mesmo nos disse como permanece. Num texto que temos de reler todos (foi publicado na última edição da revista *Passos*), “O maior sacrifício é dar a vida pela obra de um Outro” – padre Giussani parece tê-lo escrito para este momento histórico no qual nos encontramos –, deixou-nos por escrito como o carisma dado a ele permanece: “Eu posso ser dissolvido”, diz padre Giussani, “mas os textos deixados e o seguimento ininterrupto – se Deus quiser – das pessoas indicadas como ponto de referência, como interpretação verdadeira daquilo que em mim aconteceu, tornam-se o instrumento para a correção e para a ressuscitação; tornam-se o instrumento para a moralidade. A linha das referências indicadas é a coisa mais viva do presente, porque um texto pode ser ele próprio interpretado; é difícil interpretá-lo mal, mas pode ser interpretado assim. *Dar a vida pela obra de um Outro* implica sempre um nexos entre a palavra ‘Outro’ [com “O” maiúsculo] e algo histórico, concreto, palpável, sensível, descritível, fotografável, com nome e sobrenome. Sem isto se impõe o nosso orgulho, este, sim, efêmero, mas no pior sentido do termo. Falar de carisma sem historicidade não significa dizer um carisma católico”⁷⁸¹.

Portanto, o próprio padre Giussani nos disse como o carisma pode permanecer entre nós: por meio dos textos, com os quais nós temos de buscar nos identificar, enquanto proposta de método e conteúdo, e por meio das pessoas indicadas como ponto de referência, pois nossa companhia sempre foi concebida como uma companhia guiada.

E este é o sentido do fato que ocorreu em 19 de março, Festividade de São José, no qual, em obediência à preferência expressa por padre Giussani, a Diaconia Central da Fraternidade me elegeu Presidente.

Independentemente de quem encarna o papel dentro de uma condução comunal (hoje sou eu, amanhã pode ser um outro), a finalidade de um ponto de referência é o serviço a essa esperança, a essa afeição a Cristo, sem a qual não existe esperança possível entre nós. Por isso, a companhia guiada ao destino – diz o próprio padre Giussani no texto citado – torna-se para cada um o instrumento da moralidade, ou seja, a presença diante da qual se joga a nossa liberdade.

Como aprendemos na Escola de Comunidade, o problema dos homens é resistirem à lógica d'Ele. Por isso, mais conscientes do que nunca da nossa fragilidade, sustentemo-nos mutuamente no pedido a Nossa Senhora de que não resistamos a essa lógica. Pois “chegou um momento”, dizia padre Giussani já em 1991, “em que a afeição entre nós tem um peso específico imediatamente maior do que a lucidez dogmática, a intensidade de um pensamento teológico ou a energia de uma condução. A afeição que é necessário manter entre nós tem uma só urgência: a oração, a afeição a Cristo. De fato, chegou o momento em que o Movimento caminha exclusivamente por força da afeição a Cristo que move cada um de nós, que cada um invoca do Espírito”⁸².

O Movimento continua, portanto, por força da afeição de cada um de nós a Cristo. Para sustentar-nos nisso existe a nossa Fraternidade.

Uma de vocês escreve uma carta fazendo-me uma pergunta sobre a Fraternidade:

“Tudo começou há cerca de um ano, quando meu marido teve graves problemas de trabalho. Isso provocou uma cadeia, um sem-número de perguntas sobre toda a realidade. Uma noite, quando batíamos papo, eu lhe fiz uma pergunta: quem são os seus amigos, afinal? Ele me respondeu: Fulano, Sicrano... Eu, pondo-o contra a parede, perguntei: ‘Mas quem são aqueles com quem você compartilha a vida inteira?’. A partir dessa pergunta, à qual não havia aparentemente resposta, começou uma grande reflexão sobre a Fraternidade, muito séria, pois nós nos demos conta de que nosso Grupo de Fraternidade era uma coisa muito distante da vida, dos problemas de todos os dias. Uma série de fatos que aconteceram (a morte da mãe de meu marido, um de nossos filhos que se casava, outro que se diplomava e ia viver no exterior) nos fizeram novamente nos perguntar qual é a nossa casa, onde é que o nosso eu encontra edificação, conforto e sustento. O trabalho em nosso grupo é substancialmente idêntico ao que se faz na Escola de Comunidade, com o agravante de que muitas vezes não nos reunimos, ou porque o prior tem compromissos naquele dia ou porque o padre que nos acompanha não está disponível, por isso muitas vezes acontece que não nos vemos e não nos ouvimos durante semanas. Unida a isso, há sempre como que uma impressão de que nossa amizade não é o que nos constitui e nos ajuda na maneira como estamos na vida, no trabalho, com os filhos ou com os netos. Pelo contrário, essas coisas vêm sempre antes e todas as suas necessidades são como que um obstáculo à relação com elas. A pergunta é inevitável: para que serve o Grupo de Fraternidade? É verdade que talvez até exista de nossa parte uma sutil decepção, mas inevitável, como uma falta de energia de querer recomeçar com aquelas mesmas pessoas. Nesse meio tempo, mesmo

pressionados pelas necessidades, estreitamos uma relação de amizade com outras pessoas, com as quais nos vemos quase estavelmente ao jantar para discutir, conversar a respeito de tudo. Não sei como isso pode ser chamado, mas nos ajuda”⁸³.

Este é um exemplo que nos ajuda a entender, ou nos dá a oportunidade de explicar o que é a Fraternidade.

A Fraternidade, o Grupo de Fraternidade... a Fraternidade inteira é uma ajuda a viver – nos diz padre Giussani no livro menos lido – “é uma ajuda a viver nossa conversão a Cristo, pois a essência da experiência do Movimento é que a fé é tudo, que o reconhecimento de Cristo é tudo na vida. [...] Aderir à Fraternidade, portanto, não é aderir a uma outra coisa, mas tomar consciência da própria participação e da própria responsabilidade na experiência do Movimento. Inscrever-se na Fraternidade é como dizer: ‘Eu sou do Movimento, eu vivo, pretendo viver a experiência do Movimento’. Enquanto tal, por si mesma, a Fraternidade não acrescenta nada, exceto a amizade [quero sublinhar a próxima expressão, que me agrada muitíssimo] e a trama de relacionamentos que nos sustenta”⁸⁴.

A Fraternidade, o Grupo de Fraternidade, é uma *trama de relacionamentos*, não uma segunda Escola de Comunidade. Pode acontecer que a pessoa participe da reunião, mas, depois, quando lhe perguntam: “Com quem afinal você compartilha sua vida?”, não haja resposta. O Grupo de Fraternidade não é uma reunião a mais: é essa trama de relacionamentos que sustenta a vida. Se não é isso, não serve para nada, pois não precisamos de uma reunião a mais, precisamos de uma trama de relacionamentos que nos acompanhe na vida, que nos sustente na vida, com a qual compartilhar a vida, com a qual comparar as necessidades.

E essa trama de relacionamentos não é para me poupar do drama da minha relação com o Mistério (não quero que ninguém me poupe do drama de dizer “Tu” a Cristo todas as manhãs; quero dizê-lo eu), mas para despertar continuamente esse drama. Pois, sem um lugar assim, uma trama de relacionamentos como essa, o Mistério continua estranho e vence a mentalidade moderna, onde o Mistério é estranho e toda a esperança decepciona.

Precisamos de um lugar como esse, pois, do contrário, nossa companhia se torna utopia, ou seja, muitas vezes a imagem que temos da companhia é a de um lugar que mecanicamente nos poupe do drama de viver, em vez de despertá-lo continuamente.

Precisamos – como ouvimos esta manhã dos amigos da Politécnica – de um lugar, de uma trama de relacionamentos que desperte continuamente o desejo, que nos ponha em movimento, pois o encontro com Cris-

to se manifesta justamente no despertar-se do desejo, que ao mesmo tempo dá uma serenidade impossível. Do contrário, esperamos tudo do mecanicismo da companhia, contra o qual padre Giussani diz lutar. Dá-se, assim, que a companhia se torna algo escravizante.

Concluo lendo – para ver como essa consequência é horrível – um texto de Grossman, que descreve realmente como uma companhia dessa forma pode ser o nosso túmulo: “Era doce ser inabalável. Julgando os outros, ele afirmava sua força interior, seu ideal, sua pureza. Nisso estava seu conforto, sua fé. Nem uma vez deixara de ir à mobilização do partido. Renunciara de bom grado ao salário máximo dos funcionários do partido. Para ele, a afirmação de si consistia no sacrifício de si”⁸⁵.

Podemos participar de tudo e a afirmação última de nós mesmos ser sacrificar nosso coração em nome da companhia. Há uma forma de estar em casa, de pertencer ao partido, na qual a afirmação de si, a última afirmação do eu como medida é eliminar a si mesmo, é eliminar o coração. Se uma companhia é assim, vai contra o eu, vai contra a nossa conveniência, é contra o homem.

“Ia trabalhar”, continua Grossman, “ia às reuniões do colégio do comissariado do povo, ao teatro, e quando o partido o mandou a Yalta para se tratar, passeava pela orla sempre com a mesma casaca e as mesmas botas. Queria parecer-se com Stalin. Perdendo o direito de julgar, perdia a si mesmo. E Rubin intuía isso. Quase todos os dias fazia alusões à fraqueza, à covardia, aos desejos mesquinhos que se infiltravam na alma ‘concentraciônica’”⁸⁶.

Maria, “tu és a certeza da nossa esperança”. Não estamos condenados ao que acabamos de ler, pois Nossa Senhora alcançou aquela plenitude, uma de nós alcançou aquela plenitude da vida à qual todos nós somos chamados. O fato de que uma de nós a tenha alcançado significa que é para todos. Por isso, ela é a certeza da nossa esperança: é para todos, é para cada um de nós, para você e para mim.

Domingo, 1º de maio, manhã

■ ASSEMBLÉIA

Na entrada e na saída:

*Sergej Rachmaninov, Liturgia Divina de São João Crisóstomo, op. 31,
V. Poljanskij – The Russian State Symphony Cappella
“Spirto Gentil” (Universal)*

Padre Pino. No início de um novo dia, quaisquer que sejam as circunstâncias que tenhamos de atravessar, o dado que se impõe é o passo a mais que se realiza rumo ao nosso destino de felicidade total. “Oh, Nossa Senhora, tu és a certeza da nossa esperança!”. Por quê? Porque tornas mais familiar para nós hoje a doce presença de Cristo, o Destino que vem ao nosso encontro, nos abraça e nos acompanha ao longo do caminho fascinante da vida, passo após passo.

Ângelus

Laudes

Julián Carrón. Vocês encontraram nas cadeiras um santinho de padre Giussani com uma frase de São Gregório Nazianzeno, que ele nos ensinou a amar: “Se não fosse Teu, ó meu Cristo, eu seria um nada”⁸⁷. Esta frase é apropriada sobretudo porque resume bem tudo o que procuramos dizer nestes Exercícios, pois, se não formos de Cristo (“Se não fosse Teu”), acabaremos fechados em nosso limite, e por isso sem respiro, sufocados na circunstância como num túmulo. Mas Cristo é sempre para nós o ponto de escape: obrigado por existires, pois, do contrário, eu estaria sempre como que aprisionado em meu limite. Por isso, reencontrar sempre essa frase no meio de um livro ou no Livro das Horas é uma ajuda à nossa fragilidade, e a nos lembrarmos disso.

O cardeal Scola nos enviou esta mensagem:

Caríssimos, como afirma Péguy, poeta tão amado por nós, para esperar é preciso ser feliz e, para ser feliz, é preciso ter recebido um grande dom. Os dois meses passados nos revelam qual foi o dom de Deus para nós. A partida de padre Giussani primeiro, a de João Paulo II depois e, enfim, a eleição de Bento XVI. O dom de Deus passa pela nossa condição de homens feitos de alma e de corpo. Portanto, nossa vida é sempre um misto de

dor e alegria. As santas mortes de que tomamos parte expressaram uma dor já marcada pela glória. Bento XVI, falando-nos de “guilhotina”, testemunhou-nos a necessidade da “ferida da aceitação”. Para ser verdadeira, a alegria nos pede contrição e mudança.

Nossa esperança não será decepcionada se, pessoal e comunitariamente, nos fizermos responsáveis por esses grandes dons: humildes testemunhas do carisma apaixonado por Jesus Cristo do qual, graças a padre Giussani, nos foi dado participar para o bem da Igreja e em favor de “todo irmão homem”. No Senhor, saúdo-os e os abençoo.

Giancarlo Cesana. Nós vimos as perguntas, as reunimos e agrupamos algumas delas por temas. O primeiro grupo, que corresponde à esmagadora maioria das perguntas, diz: “Que é feito dos desejos parciais?”. Percebeu-se muito uma oposição entre os desejos parciais, os pequenos desejos, e o desejo-desejo da totalidade. “Padre Giussani sempre nos ensinou a não negligenciar nada do que é humano, e até agora nós consideramos esses desejos como sinais, como algo que introduz ao Mistério, mas hoje nos disseram que corremos o risco de nos tornarmos vítimas da ditadura dos desejos. Por quê? Como se posicionam corretamente esses desejos parciais com relação ao desejo constitutivo do eu?”. E, prosseguindo: “Na vida cotidiana, nós sonhamos e projetamos: estão nos pedindo que renunciemos a isso? Como a companhia cristã pode nos ajudar a escancarar ao Mistério os desejos particulares?”. Ou, ainda: “Que implica, no trabalho educativo, o fato de os desejos serem sempre parciais?”.

Carrón. Como dizia Pavese, o que um homem busca nos prazeres é um infinito, e ninguém jamais renunciaria à esperança de conseguir esse infinito. Essa frase de Pavese, se a encararmos de frente, nos ajuda a entender o que procuramos dizer.

O que nós buscamos nos prazeres, nas coisas concretas, é o infinito, o desejo é sempre do infinito, é sempre desejo de totalidade, mas esse infinito nos chama sempre por meio das coisas concretas; as coisas concretas não são desejos, são coisas concretas que nos despertam o desejo de totalidade: nisso, as coisas são sinal, mas o desejo é sempre de totalidade.

Nós, muitas vezes, reduzimos o desejo a uma imagem, ao sonho, mas o fato de que isso não é o que realmente desejamos se torna evidente pelo dado de que muitas vezes conseguimos obter o que desejamos, mas, depois, por que continuamos a desejar? Isso significa que muitas vezes a imagem com que nós pensamos preencher esse desejo de totalidade é uma imagem que não responde ao desejo, pois o desejo é sempre de totalidade.

O que buscamos nos prazeres é sempre um infinito. A nós interessa entender isto, pois, do contrário, nos irritamos com todos os prazeres, com todas as coisas belas da vida, pois todas existem para despertar esse desejo, e ainda bem que existes, ó Cristo, pois sem Cristo eu seria um nada e estaríamos sempre decepcionados. Por isso, tudo o que encontramos, tudo o que nos agrada, nos abre, nos desperta sempre esse desejo de totalidade, e nós devemos entendê-lo, pois o infinito vem ao nosso encontro somente por meio das criaturas, das coisas concretas, mas aquilo para o qual elas sempre nos chamam para o Mistério, para o Infinito. Tudo é sinal dEle.

Sendo que muitas vezes paramos por aí, nós, portanto, identificamos o desejo com a imagem de realização que temos na cabeça. Em que consiste o trabalho educativo, em que consiste a ajuda mútua? Abrir sempre ao Mistério, ou seja, respeitar a natureza da realidade como sinal.

Tudo o que sempre nos fascinou em padre Giussani é que ele sempre nos abria, é que, falando das coisas concretas, ele nos abria continuamente ao Mistério, escancarava nosso coração, e todos saíamos do encontro com ele diferentes. Nós nos ajudamos se continuamente – quando conversamos entre nós, quando batemos papo, quando tomamos um café juntos, quando dizemos uns aos outros nossas preocupações – nos abrimos a isso. Do contrário, nós sufocamos dentro do limite, pois o que buscamos sempre – e isso antes de qualquer decisão – é o Infinito; ou entendemos essa dinâmica ou iremos esbarrar sempre contra um muro. Por isso, padre Giussani nos falava sempre do ponto de escape; sem ponto de escape, sem que tudo nos abra ao Mistério, a vida se torna um túmulo. E ele sempre nos disse: nós escrevemos *O senso religioso* justamente para nos educar ao Mistério, para nos educar a essa maneira de conceber o eu como abertura total ao Mistério. E fomos nós que escrevemos *O senso religioso*, dizia, pois tudo o que desejava era isto. A ideologia, de fato (nisso somos modernos), é que nos fechemos dentro do limite, e o Mistério nos é estranho.

O alcance cultural de Giussani é este: responder ao verdadeiro desafio da modernidade, que separou o Mistério do eu. Em Santo Agostinho, o Mistério é parte do eu: Nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousar em Vós. Em Santo Agostinho, o Mistério fazia ainda parte da concepção do eu; para nós, já não é assim. Por isso, é preciso um trabalho educativo. Se não fazemos esse trabalho, afundamos na areia sempre e a vida se torna cada vez mais difícil de viver, de suportar. Este é o desafio que temos pela frente.

Cesana. Faça uma aplicação do que Carrón disse. Perdoem-me se vôo baixo, mas sou confortado pelo fato de que uma noite estava jantando com padre Giussani, ele comia batatas e me disse: “Veja, eu, quando falo de Deus, é como quando falo destas batatas”. Portanto, partamos de um desejo pequeno, que caracteriza alguns de nós: “Quero emagrecer”. E é um desejo pequeno, que por si poderia até não ser um desejo, poderia ser um projeto: “Quero emagrecer, não vou comer mais, vou emagrecer”. Começa a ser um desejo quando não consigo. Pois todo o problema está aí, ou seja, o desejo é tal porque sua realização não depende de você, do contrário não é um desejo: é um projeto, é um programa, é uma iniciativa, é um ato da vontade, é um gesto de força, mas não é um desejo.

Por outro lado, você diz: “Quero emagrecer”, mas não é que queira emagrecer simplesmente por emagrecer, quer emagrecer para se sentir melhor, para ser mais bonito, para ser mais sarado, para fazer mais, para viver mais, pela totalidade, não por uma coisa parcial, tanto que, quando você tiver emagrecido, não acabaram todos os problemas; pelo contrário, o emagrecimento pode ser a consequência de um problema: você está com câncer. E não é que você diz: “Para emagrecer, quero ter câncer”. Está claro? Portanto, quando você cai nos braços dela, ou quando ela cai nos seus braços, não é que você resolve todo o problema porque ela caiu; existem depois muitos outros, pois existe aquela outra, existem os filhos...

Portanto, dentro de todo desejo particular existe a tensão à totalidade. Se você quer chegar até o alto de uma montanha, não pode enveredar por todas as trilhas que lhe agradam, pois, do contrário, quando chegar lá em cima já estará escuro e você não verá mais nada. Por isso, tudo o que lhe é dado na vida, todo desejo particular que lhe é dado na vida é para compreender a finalidade pela qual você vive. Se você se apaixona por uma outra mulher, é para amar mais sua esposa; por isso, não deve se esquecer de nada do que acontece, mas sobretudo não deve esquecer da finalidade pela qual você existe. Assim, se você quer emagrecer, não pode fazer como quer, ou seja, emagrecer comendo, mas tem de emagrecer de acordo com o que um outro lhe diz, pois o desejo, a realização do desejo, como justamente disse Carrón, “a ditadura do desejo” acontece porque nós pensamos que nossos desejos são as imagens que nós temos. O verdadeiro desejo, pelo contrário, é o que desejamos mas só pode ser realizado por um outro.

De fato, o verdadeiro drama que a pessoa não consegue entender quando se torna adulta é que, para mudar, é preciso deixar-se controlar, ou seja, é preciso pôr-se nas mãos de um outro. Se você diz uma mentira e fica ver-

melho, da próxima vez não a dirá mais. Deve se expor, deve pôr-se nas mãos de um outro. Para isso existe a companhia, para que você se ponha nas mãos dela. Isso muda você. Assim, você deve seguir obrigatoriamente um outro, e esse é o princípio do Mistério. Quando dizemos Mistério, dizemos uma coisa que vemos e que não possuímos, ou seja, dizemos um Outro que nos muda. E aqui começa todo o problema da vida, mas nós o veremos depois, pois pôr-se nas mãos de um outro ou é escravidão ou é a salvação, mas, para ser a salvação, as mãos do outro devem ser mãos que se estendem para mim enquanto ele mesmo depende de um Outro. O Mistério é o fato de que a nossa vida está ligada a um Outro. Esse é o problema.

Segundo problema: o da falta. “É verdade que não devo ser eu quem determina as formas como a esperança se realiza, mas, diante da experiência da decepção, quais são, no presente, os sinais que mantêm esperada a esperança?”; “Numa experiência de insatisfação, na qual falta o Mistério naquilo que você experimenta, que significa que a falta é um recurso e não um obstáculo?”; “Ter sempre fome de Cristo significa que nunca seremos felizes?”; “Disseram que, como aconteceu com Jesus, também no caso de padre Giussani a sua morte vem para nosso proveito. A presença dele entre nós foi uma coisa evidente para mim, mas é muito menos claro qual é o proveito que eu tiro da sua morte”.

Carrón. Partamos da decepção. Muitas vezes, quando chegamos à decepção, ela fecha, bloqueia: estamos decepcionados, ponto, acabou. Mas nem quando chegamos lá o nosso eu pára, pois isso nós não podemos tirar de nós; nosso eu pergunta: “Por quê? Mas por quê? Por que a vida é isto?”. Se nós nos fechamos na decepção, é como alguém que renuncia a essa energia que está no eu, que o impele a pedir, a perguntar o porquê. Nós, muitas vezes, diante da decepção, decidimos parar por aí. Mas para parar, é preciso que nós decidamos parar, pois tudo internamente nos impele. Até quando você tem dor de dente, que é um mal, a dor o impele a ir ao dentista. Quando dizemos: “Só a beleza me impele”, não é verdade; a dor de dente também o impele, até a decepção impele você a ir além, pois a decepção jamais corresponderá. Por isso, temos de parar de dizer, quando algo negativo acontece: “Não, agora chega”. Até o negativo, até a dor nos desperta a pergunta – e como! – pois para continuar a viver a pessoa precisa de uma pergunta, precisa responder a esse drama. Por isso, a decepção é o ponto de partida. Estamos decepcionados: começamos a partir daqui, partimos daqui, e a pessoa começa a pedir.

Quais são os sinais que nessa situação mantêm presente a esperança? Nem na decepção você pode deter Cristo. Você não pode impedir que um outro entre, que o dia o toque, que a beleza da realidade tenha a ver com você, que depois uma outra pessoa o encontre... A samaritana havia tido cinco maridos, estava decepcionada, mas não pôde evitar o embate com um outro que lhe despertasse tudo.

Qual é o primeiro sinal de que naquela situação de decepção Cristo não se detém e continua a intervir na nossa vida? Em que sentido eu entendo que existe um sinal que é presente? Ele me desperta, e eu, mesmo estando na pior situação, não posso evitar que isso aconteça e desperto novamente. Como vemos no Evangelho: a viúva de Naim, que vai levar seu filho para a sepultura e encontra alguém que lhe diz “não chores!”, e tudo recomeça.

Qual é o sinal que nos faz manter a esperança? É que isso continua a acontecer das formas mais variadas, pois significa que Cristo continua, fica, mantém-se presente na história por meio de um sinal. Por isso, a falta é um recurso no sentido de que, uma vez que encontrei a Cristo, quando me falta é como algo que me impele à memória de Cristo.

Eu sempre dou o exemplo da saudade. A saudade é sinal de que lhe falta a pessoa amada. A saudade é um bem ou não é um bem? Quando vocês amam seu marido ou sua mulher ou seus filhos, percebem o fato de sentirem saudade deles como um bem, como um recurso, ou como uma desgraça? No dia em que não lhes fizerem falta, vocês começarão a se preocupar!

Então, para alguém que encontrou a Cristo, a saudade, a falta de Cristo é um recurso. E nós todos estamos aqui, encontramos a Cristo, e o fato de que Cristo me falte é um recurso, pois, do contrário, eu me esqueceria o dia inteiro, e sou grato de que me falte. Começo a me preocupar quando passa o dia sem que me falte, pois isso significa que Cristo não é nada para mim, que Cristo desapareceu da vida, da rotina do dia-a-dia, das coisas concretas, que eu não me lembrei nem uma vez dele, que não me faltou nem uma vez. Esse é o drama.

Então a falta, para alguém que encontrou a Cristo, é um recurso, não uma dificuldade. É isso que permite a Cristo – quando me falta e eu me volto novamente para ele – responder.

“Então, ter sempre fome de Cristo significa que nunca seremos felizes?” Não, é o contrário: justamente porque tenho fome, justamente porque tenho saudade, posso continuamente reencontrá-Lo, e por isso sentir a cada vez como nova a Sua presença. O dia em que Ele não me falta é como o dia em que o marido ou a esposa não nos fazem falta, quando

chegamos em casa e a pessoa está lá como um móvel: nem nos damos conta de que está ali, não acusamos o impacto da sua presença, menor do que a do cachorro. É isso que desejamos como o máximo da vida? Digam-me se é verdade que é o que vocês desejam.

Eu posso acusar o impacto, para que a Sua presença seja nova, se torne nova todas as vezes: por isso, eu me revolto cada vez mais contra aqueles que querem tirar-me o drama. Quero estar inteiro com vocês agora e quero dizer “Tu” a Cristo todas as vezes com todo o meu ser, da mesma forma como cada um quer que um outro lhe diga “te quero bem” com todo o seu ser, que não seja um formalismo. Nós queremos isto, e isto não significa não sermos felizes, mas é sermos felizes. Como dizem os alemães, “a vida eterna é feita dos primeiros goles de cerveja, pois o primeiro gole é o melhor”, e portanto, quando já tomamos cem goles, bem, a cerveja já perdeu o sabor, o frescor do início.

Se vocês perdem o fato de que cada vez pode ser novo dizer “Tu” a Cristo todas as manhãs, perdem o melhor do dia. Eu não quero me acostumar mecanicamente a isso. Ainda que isso seja apenas o início, já que a realização total acontece na vida eterna, a vida eterna é a verdade desta vida e eu, como de um gole, posso começar a fazer experiência dela a cada instante. Essa é a densidade do instante, da qual sempre nos falou padre Giussani. O instante tem uma densidade que nós perdemos, quando ele se torna formal. Por isso, não quero que ninguém me poupe disso, quero ser eu quem acusa o impacto da Sua presença todas as manhãs, não quero ser uma pedra que abre os olhos e não se dá conta de que existe; eu quero ser, e quero estar inteiro naquilo que faço, como quero estar inteiro aqui, pois do contrário devo sempre esperar que acabe o que estou fazendo para começar a viver: nunca coincidimos conosco mesmos, e isso é uma desgraça.

Cesana. Sobre a falta, lembro-me de ter sido muito ajudado lendo o encontro que padre Giussani teve com os colegiais do Movimento: “Um lugar onde dizer eu com verdade”, onde, no início, de modo realmente curioso, ele diz: “Eu me dei conta agudamente da existência de Deus quando estava no seminário e, ouvindo a famosa *La Favorita* de Donizetti, me veio uma saudade tão grande que entendi que aquilo de que tinha saudade existia”. Se uma coisa lhe faz falta, significa que existe, do contrário não lhe faltaria. Se você me faz falta, significa que existe, e de fato todos nós preferimos estar apaixonados do que indiferentes, e sua mulher prefere que você sinta falta dela a vê-lo feliz porque você não sente falta dela.

O mesmo se dá com o problema de que nunca seremos felizes com Cristo. Li uma citação de Santo Efrém, o Sírio: “Quando você tem sede e vai até a fonte, não deve pretender esgotar a fonte, pois o gosto está em beber. Se esgota a fonte, não beberá mais”. Cristo é isso. O mistério de Cristo, o mistério dessa Presença é a possibilidade de beber. Do contrário, que gosto tem? Não tem gosto, pois o gosto, a satisfação está em beber, não é? Não em ter sede. Ter sede é o desejo, o mal-estar, o que dissemos antes, e depois se bebe, por isso não devemos pretender esgotar a fonte, mas temos de ser felizes de que a fonte continue a jorrar, pois assim poderemos sempre beber; acho que até no paraíso será assim, não é?

Carrón. O problema é que nós temos medo de que a fonte se esgote.

Cesana. É verdade.

Carrón. O verdadeiro problema é o medo. Pois o filho de vocês não tem esse problema, não está preocupado com o fato de comer à noite: vocês estão lá e ele está tranquilo. O medo nos pega porque não estamos certos de que a fonte sempre existirá.

Cesana. Sim. A propósito da morte de padre Giussani, como proveito, é análogo ao que aconteceu para os discípulos com Jesus: “É bom para vós que eu parta”. Nós acabamos de ler no santinho: padre Giussani deu a vida por nós. Nós somos chamados a fazer tornar-se nosso o que ele nos comunicou. Para os discípulos, quando Jesus ascendeu aos céus, Jesus se tornou deles, ou seja, aquilo que eles haviam encontrado era deles. Isso é doloroso, pois passa pelo fato de que algo vem a faltar; é doloroso, mas é a passagem que preenche a vida. O filho, para começar, precisa que o pai não continue, do contrário ele mesmo não começará, nunca começará. Se todos os empresários não morressem nunca, pensem em seus filhos: nunca dirigiriam a empresa. Deve se tornar de você: nesse sentido, é para seu proveito. “É bom para vós que eu parta”, pois deve se tornar nosso e agora cabe a nós; certamente, cabe a nós.

Carrón. O que padre Giussani nos comunicou continua, e é Cristo, e é Ele que permite que continue o percurso.

Cesana. “Por que não conseguimos nos afeiçoar ao que conhecemos, de modo que o conhecimento continua a ser uma idéia e a afeição, um sentimento?”.

Tomo a liberdade de dizer logo uma coisa: o problema dos nossos desejos é que são desejos sem afeição. Afeição, “ser afeto a”, significa ser atingidos; afeioar-se significa ser possuídos, ou seja, você, que eu amo, me possui. Isso é a afeição: que o que eu busco e aquele que pode dar a resposta me prende. O desejo, sem afeição, é nada, é um jogo, é um sonho, uma ilusão, uma construção, uma abstração e, em geral, uma violência.

Carrón. Continua a ser uma idéia porque Cristo para nós é abstrato, é uma abstração.

Há algumas semanas, quando me encontrei com um grupinho de universitários da Universidade pública, começamos cantando uma canção (*Lela*); a certa altura, começamos a conversar e eles fizeram perguntas. Eu não tinha gostado do que havia acontecido durante o canto e então os interrompi e disse: “Mas o que aconteceu com vocês ao ouvirem esse canto?”. Começaram a dizer idéias abstratas, como se nada tivesse a ver; nada viera à cabeça deles com aquela canção, exceto para um, que disse: “Eu me lembrei da minha namorada”. Para todos os outros só vinham idéias; o único que disse algo concreto foi esse.

“Eu senti a falta de Cristo”, eu disse a eles. E uma menina disse: “Mas você, quando diz Cristo, diz de um modo que para mim não é habitual”. Esse é o ponto. Não nos faz falta, não nos faz falta quando cantamos, é uma abstração. Pois Cristo não é uma imaginação minha, mas não vem à cabeça de ninguém; mesmo que todos sejam do Movimento, não vem à cabeça de ninguém... quando ouvem uma canção e você faz a pergunta: “Afinal, o que aconteceu?”, ninguém imagina Cristo, nem vem à cabeça, todos dizem abstrações. O único que diz alguma coisa real é aquele que sente falta de algo real, a namorada, e aquele para o qual Cristo não é uma abstração.

Cristo continua a ser uma idéia, e a afeição, um sentimento, mas não existe; para que a afeição seja um laço com Cristo, é preciso que Cristo seja real. Sem isso, não existe afeição que nos ligue a Cristo, e por isso ele não nos faz falta. Esse é o trabalho, o percurso a que fomos introduzidos, ao qual sempre é chamada a nossa atenção; para que isso se torne verdadeiramente real, é preciso um trabalho, é preciso uma convivência. Mas, se todas as vezes em que nos acontece alguma coisa, em vez de começarmos de Cristo, pensamos em tudo, exceto em Cristo, como é que se torna real? Ou melhor: como é que se torna familiar? Pois real Ele é; não é que se torne real porque eu digo que é real. É real, o problema é que para nós é uma abstração. Torna-se familiar se eu começo a introdu-

zi-lo quando falo das batatas, se tem a ver com as batatas, com a canção, com o pôr-do-sol, com a vida, com o despertar pela manhã, se tem a ver com tudo, pois, a certa altura, quando uma pessoa amada entrou na sua vida, pouco a pouco ela tem a ver com tudo: você não pode evitar, ao levantar-se de manhã, ao abrir os olhos, que ela lhe salte aos olhos, como a primeira coisa em que você pensa. Não foi você que criou essa pessoa, mas essa pessoa se tornou familiar para você, a certa altura. A questão é que Cristo – que existe, que é real como aquela pessoa – se torne familiar, e para isso é preciso uma convivência, é preciso uma familiaridade, pois, do contrário, é a última coisa em que pensamos.

Para isso, amigos, é preciso um trabalho, como sempre nos indica padre Giussani, é preciso introduzi-Lo em tudo, reconhecê-Lo em tudo, quando padre Giussani dizia: “Eu vejo tudo o que vocês vêem, mas vocês não vêem o que eu vejo”. A nós falta ver a Cristo tal como ele o via, falando das batatas, e esse é o trabalho que deve ser feito, pois nós ficamos sempre na aparência, mas a substância das coisas nos escapa, ainda não é familiar.

Cesana. De fato, esta é a pergunta culminante: “O que significa que o próprio Cristo é a forma da resposta ao desejo do homem, ou seja, não apenas a resposta, mas a forma, o modo da resposta?”.

Pessoalmente, essa afirmação me provocou de verdade. Em primeiro lugar, me provocou a dizer-me quem é Cristo, e Cristo é Deus que se fez homem e deu a vida por nós e venceu a morte, ou seja, a confirmação de todo o positivo que nós sentimos e percebemos na existência; e essa confirmação se realiza por meio de um abraço que é dirigido a mim. A vitória de Cristo sobre a morte é o povo cristão, esse povo que – aconteça o que acontecer – nunca me abandonou, nunca me abandona. E, de fato, nós não devemos pensar Cristo apenas como forma da resposta a nós, mas devemos também pensar que, quando o desejo dos outros se dirige a nós, a forma da nossa resposta deve ser segundo Cristo: com seus filhos, deve ser segundo Cristo, com seus amigos, com sua Fraternidade, pois o que você deseja eles também desejam. Quando padre Giussani disse: “A vitória de Cristo é o povo cristão”, é porque ele estava, como eu estou agora, a olhar vocês de frente. “A vitória de Cristo é o povo cristão”, é o sinal, essa unidade é o sinal dessa vitória, e o abraço que lhes dirige é a promessa. Pois eu não sou um visionário, está claro? Eu não vi Jesus passando à minha frente, eu vi vocês, e vocês são a promessa disso. Eu me sinto possuído por vocês, mas não poderia to-

lerar ser escravo de vocês. Portanto, vocês também devem ser possuídos por Aquele que possui a mim.

Carrón. Que Cristo seja a forma da resposta, que seja Ele quem decide a forma da resposta, se pensarmos nisso um instante, o entenderemos muito bem a partir da experiência da relação, de um amor. Não é o que essa experiência lhe dá, as coisas que ela lhe dá ou não dá. A resposta a esse desejo de ser amado não pode ter outra forma senão a própria pessoa. Se ela lhe dá tudo mas está pouco se importando com você, ou não esteve ao seu lado, para que lhe serve todo o resto? Para que lhe serve que ela lhe dê um presente? Olhem para a vida: a esposa está lá, o marido lhe dá tudo, mas não lhe dá um instante de si mesmo.

A forma da resposta a essa exigência de ser amado não é dar de presente roupas, jóias e tudo o mais, mas prescinde quase de tudo: “Por que você não está comigo?”. A forma da resposta é essa. A resposta à nossa necessidade é Cristo, a Sua presença, a Sua doce presença. Sem isso, mesmo que eu tenha tudo, como tanta gente, sou infeliz. O drama de hoje é que muita gente tem tudo, como me contava uma amiga médica na Espanha; um de seus pacientes lhe dizia: “Pergunte-me, pergunte-me de qualquer coisa, eu tenho tudo: uma mulher belíssima, um trabalho maravilhoso, uma casa fantástica... tenho tudo, mas por que não sou feliz?”. Esse é o ponto. Como uma esposa: “Tenho tudo, mas por que não sou feliz se você me falta?”. Porque a forma da resposta é a presença do outro. Ou nós pensamos nessas coisas ou escorregamos sempre sobre aquilo que é secundário.

É Ele, e, por isso, se nós não entendemos que o que desejamos, que a natureza do nosso desejo é o desejo de totalidade, e que esse desejo de totalidade só pode ser realizado por Ele, como o desejo de ser amado só pode ser realizado pela pessoa amada e não por tudo o que ela lhe dá, não entendemos e permanece sempre como que a tristeza por todo o resto. Mas, se o que realiza é que Ele exista, a forma não somos nós que decidimos. Pois o marido pode dizer: “Por que você não fica contente? Se eu lhe dou tudo: jóias, roupas, viagens... eu lhe dou tudo, por que você não fica contente?”. “Porque eu não posso decidir ficar contente: a forma, a forma que me corresponde não é essa.”

Não devemos parar, devemos procurar dar-nos exemplos para entender o que nos falta, e isso é um trabalho, pois, do contrário, continuamos sempre em suspenso, como se Cristo estivesse zombando de nós, ao passo que, pelo contrário, é o único que nos leva a sério, é o único que nos dá a resposta adequada à nossa necessidade. “Se não fosse Teu, ó meu Cristo, eu seria um nada”.

Cesana. “Você nos disse que a Fraternidade nos é dada como apoio, uma trama de relacionamentos que nos sustentam na vida: que significa compartilhar a vida?”.

Compartilha-se a vida quando se põe em jogo a si mesmo, o próprio destino, o sentido pelo qual se vive. Basta um olhar, um aceno, uma palavra, um gesto discreto, uma maneira de falar.

Carrón. Por isso, agrada-me esta expressão: “trama de relacionamentos”, que impede de conceber a Fraternidade como uma Escola de Comunidade bis, como um bis da Escola de Comunidade. Não é de uma reunião a mais que nós precisamos, mas precisamos de uma trama de relacionamentos que sustente a vida, com a qual compartilhar a vida.

Para mim, isso ficou claro como professor em Madri, pois eu – não sei se já contei isso – dou aulas no primeiro e no quarto anos de Teologia; no primeiro ano, sendo que é uma coisa introdutória, me fazem todas as perguntas possíveis e imagináveis, e eu procuro responder; mas vejo que no quarto ano me fazem as mesmas perguntas; eu é que sou estúpido, por não responder, ou eles são estúpidos? E eu me dou conta de que não, pois sei que alguns são inteligentes e sei que eu já havia respondido, mas que não bastava que eu tivesse respondido uma vez, para que aquilo se tornasse familiar para eles. Se eles o ouvem uma vez e depois, na vida cotidiana, isso não se torna familiar, da próxima vez que me vêem me fazem as mesmas perguntas, pois a resposta ainda não é deles. E isso me fez entender a diferença entre a Escola de Comunidade e a Fraternidade: na Escola de Comunidade, aprendemos as coisas, mas, para que essas coisas se tornem familiares, é preciso uma trama de relacionamentos, é preciso um grupo de amigos no qual tudo se torne familiar para mim. Eu, muitas vezes, não posso perguntar na Escola de Comunidade, porque nem me vem à cabeça; se a pessoa trabalha ou vive o trabalho de uma certa maneira, nem imagina que o está fazendo mal, mas, talvez, conversando, tomando um café com alguém de sua Fraternidade, essa pessoa, ouvindo-o, diga: “Mas você não se dá conta de que essa maneira não é o que a Escola de Comunidade diz?”.

É como um professor: não basta que repita a fórmula matemática para o jovem, para a criança; não, é preciso que alguém, vendo onde o outro erra ao desenvolver o problema, lhe diga: “Você errou aqui”, é preciso alguém que o acompanhe no percurso que deve fazer. E nós precisamos de uma trama de relacionamentos que nos acompanhe no percurso que deve ser feito, pois, do contrário, não se torna familiar.

Não basta que alguém me repita a fórmula, pois eu já a sei, mas depois não chame a minha atenção: “Veja, veja onde você errou”, ou que, quando me ouve dizer uma coisa, me diga: “Mas você não se dá conta?”... é preciso uma trama de relacionamentos, e por isso, se a Fraternidade é uma repetição da Escola de Comunidade, não serve, pois não precisamos de um outro que nos repita a fórmula, precisamos de alguém que, falando das coisas normais, nos fale do Mistério, e isso é a Fraternidade, pois isso é o que sustenta a vida, do contrário a Escola de Comunidade vai para um lado e a vida vai para o outro, e o dualismo vence, não entra na trama.

O que realmente me fez “enlouquecer” pelo Movimento, afeiçoar-me ao Movimento é que é capaz de romper esse dualismo; se nós respondemos à modalidade com a qual o Movimento nos educa, arrebenta este dualismo: de um lado, as nossas idéias e, do outro, a vida. Para que alguma coisa vença o dualismo é preciso uma trama de relacionamentos, pois, sem isso, você pode encontrar alguém que lhe diz a Escola de Comunidade de A a Z, mas depois o Mistério não tem a ver com a vida. Esse é o nosso problema. Quando, depois, você me diz: “Vivo o trabalho assim, vivo o relacionamento assado”, eu lhe digo: “Você não entendeu nada de *O senso religioso*”. Pois não basta que eu saiba *O senso religioso* como um livro e depois na vida seja abstrato. É preciso uma trama de relacionamentos que nos sustente na vida, do contrário tudo se torna cada vez mais estranho.

Cesana. Última pergunta: “No contexto histórico atual, o que significa para nós sustentar a esperança dos homens? Como podemos nos ajudar a dar novamente esperança aos homens?”.

Em *Realtà e giovinezza: la sfida*, padre Giussani diz: imaginem nascer, sair da barriga de sua mãe com a idade que têm hoje; a primeira reação de quando os seus olhos se abrem para o mundo é a maravilha, é o positivo. Depois vocês são atropelados pelo caminhão, pelas contradições da existência. E então, qual é o sentido da vida: o positivo que vocês viram originalmente ou o caminhão que os atropelou depois? Se o sentido da vida é o caminhão, a vida não tem sentido.

Portanto, a razão, em primeiro lugar, busca essa positividade, que está na experiência.

Porém, a razão, como sabemos, se perde, nós nos perdemos. Para essa positividade, é preciso alguém que nos indique o caminho. Ou seja, não apenas existe o positivo, mas, se você vai até lá, experimenta esse positivo, entende-o.

Pensem no que significa a eleição desse Papa para nós, para a Igreja e para o mundo, como indicação do caminho. É impressionante. Aí está: sustentar a esperança entre os homens significa o positivo na vida. Lembro-me de quando uma vez perguntaram a padre Giussani: “Como você está?”, e ele já estava mal, e respondeu: “Como é que a gente pode dizer que está mal quando tudo o que lhe acontece é dado por Deus?”. Pois bem, essa é a questão, essa é a verdadeira questão, ou seja, que existe uma positividade e que existe alguém junto do qual, se você vai até ele, você entende tudo isso. Assim, sustentamos a esperança dos homens fazendo com que vejam o caminho no qual o positivo se torna experiência. Pensem em que grande coisa é a Igreja.

Carrón. Eu gostaria apenas de acrescentar uma palavra que possa ficar como imagem: como é que padre Giussani despertou em nós a esperança? Testemunhando o Mistério diante de nós. Respondendo à graça que lhe fora dada, ele sustentou a nossa esperança. Nós, respondendo à graça que nos foi dada, que foi dada a nós por essa eleição, por essa escolha da nossa pessoa pelo Mistério, sustentamos a esperança de todos. Padre Giussani, respondendo à graça que lhe fora dada no seminário ou por sua mãe, sustentou a nossa vida. Não existe diferença, há apenas uma preocupação, a de Nossa Senhora: responder sim, pois isso coincide com o bem do mundo.

Nossa Senhora, respondendo sim, introduziu Cristo na história. Padre Giussani, respondendo sim, introduziu Cristo na história. Nós, respondendo sim, introduzimos Cristo na história, ou seja, sustentamos a esperança de todos. Pois o verdadeiro inimigo é o nada, o niilismo, e aquilo de que todos precisamos – como vimos desde a morte de padre Giussani até as ondas de pessoas que foram ver o Papa para lhe dar o último adeus – é isto: precisamos de testemunhas do Mistério presente.

Padre Giussani deixou um testamento, que leio para vocês:

Nomeio meus herdeiros universais em partes iguais a Associação Laical Fraternidade de Comunhão e Libertação e a Associação Eclesial Memores Domini.

Recomendo de modo particular a máxima discrição e prudência no uso de minhas mensagens gravadas em áudio e vídeo, para salvaguardar as quais será bom utilizar os critérios normalmente usados por mim.

Da mesma maneira como ele nos deixa tudo, nós também deixamos tudo a ele; por isso, todos aqueles que quiserem enviar ao Arquivo Histórico escritos, fotografias, gravações em áudio e vídeo relativas a encontros com padre Giussani, para incrementar tudo o que ele nos deixou, façam contato com o Arquivo de CL.

SANTA MISSA

HOMILIA DE SUA EXCELÊNCIA DOM FILIPPO SANTORO
BISPO DE PETRÓPOLIS

“Quem me ama, será amado por meu Pai, e eu o amarei e me manifestarei a ele”⁸⁸. Nestes dias, vimos a manifestação desse amor: manifestou-se a nós nestes Exercícios, manifestou-se a nós nestes dois meses memoráveis.

O Evangelho dizia: “Não vos deixarei órfãos”⁸⁹. Nós todos sentimos ainda – como se diz no Brasil – uma grande *saudade*, uma grande nostalgia de padre Giussani e de João Paulo II, mas o que vence é a Presença, o que vence é a certeza. “Vós me vereis, porque eu vivo”⁹⁰, e o que padre Giussani e o Papa nos ensinaram é realmente ver uma Presença que acontece agora e que diante de nós se desdobrou, criando uma coisa nova, maior do que a que existia antes.

É o milagre que assistimos, o dom, o esplendor de Bento XVI e a imponência, nestes dias, da companhia guiada da qual fazemos parte. A imponência de um fato que continua, a imponência de um fato que nos confirmou na esperança e nos torna capazes – como dizia São Pedro – de “dar razão da nossa esperança”, pois o Espírito respondeu criando uma coisa nova, não apenas porque nós a desejamos, mas porque um Outro cria algo que nos surpreende, não pára de nos surpreender.

Só para dar um testemunho da ação missionária do Movimento, ligada ao tema dos desejos e da resposta: no Brasil, em São Paulo, encontramos amigos de um movimento (de sem-terra), que ofereceu casa a milhares e milhares de pessoas e, como acontecia na Idade Média, quando os chefes se convertiam vinha junto todo o povo. Quando fizemos a Peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida, entre Rio e São Paulo éramos mil ou mil quinhentos e chegaram outros mil, só de responsáveis desse outro movimento, que vieram junto. Porque eles, encontrando-nos, disseram: “Demos casas a estas pessoas, só que todos os problemas continuaram, a discussão se reabriu; mas, ao encontrarmos vocês, descobrimos algo que serve para a nossa vida, algo que nos transforma, a origem da mudança da nossa pessoa. Por isso, nós – os responsáveis e todos os nossos amigos – queremos conhecer vocês, queremos encontrá-los”.

E é esse o milagre que acontece: a mudança da pessoa, a possibilidade de sermos acolhidos e amados, e, portanto, algo que realiza o desejo antigo, torna-o maior, torna-o mais verdadeiro, e é exatamente o desejo de que toda a vida seja perpassada por essa grande razão: a presença do Ver-

bo entre nós, a presença do Espírito, a obra do Espírito, a obra não criada por nós, mas recebida por nós com grande gratidão. E a primeira Leitura do anúncio do apóstolo Filipe indicava a característica dessa coisa: a mudança da pessoa numa grande alegria, uma alegria incontível.

Agradeçamos por estarmos todos juntos, em todas as partes do mundo, nesta vida, nesta amizade que sustenta nossos passos, neste lugar da nossa esperança. Agradeçamos e renovemos uma adesão sem reservas ao encontro que nos salva, que salva a nossa vida.

MENSAGENS RECEBIDAS

Reverendo Signore

Don Julián Carrón

Presidente della Fraternità di Comunione e Liberazione

“Reverendo Senhor, tenho a alegria de transmitir ao senhor e à Fraternidade de Comunhão e Libertação uma saudação particular de Sua Santidade Bento XVI, por ocasião dos “Exercícios Espirituais” que se realizarão em Rímíni nos dias 29 e 30 de abril próximos. Estando ainda viva em Seu coração a lembrança das comoventes exéquias do saudoso padre Luigi Giussani na Catedral de Milão, o Santo Padre, espiritualmente partícipe do fervor destes dias de reflexão e oração guiados pelo senhor, deseja vivamente que eles sejam fecundos em renovação ascética e em ardente zelo apostólico e missionário.

É significativo o tema das meditações que o senhor conduzirá: a esperança. Como é atual para o nosso tempo compreender o valor e a importância da esperança cristã, que afunda suas raízes numa fé simples e sem hesitações em Cristo e em sua palavra de salvação! Desta esperança alimentou-se o querido padre Luigi Giussani, e em sua esteira pretende continuar o caminho a vossa benemérita Fraternidade. O vosso Fundador precedeu de pouco o pio trânsito do amado Santo Padre João Paulo II. Ambos ardorosas testemunhas de Cristo, deixam-nos como herança o testemunho de uma total dedicação à “esperança que não decepciona” (Rm 5,5), a esperança que o Espírito Santo infunde nos corações dos fiéis, deramando neles o amor de Deus.

O Sumo Pontífice confia a Maria Santíssima, Mãe da Esperança, o bom êxito de seus “Exercícios Espirituais”, e envia de coração a implorada Bênção Apostólica senhor, aos participantes do encontro e a toda a Fraternidade de Comunhão e Libertação.

Aproveito a circunstância para assegurar-Lhe também minha espiritual proximidade, ao mesmo tempo em que me é caro confirmar-me devotadamente seu, no Senhor,

Angelo Cardeal Sodano, Secretário de Estado

Caríssimos,

como afirma Péguy, poeta tão amado por nós, para esperar é preciso ser feliz e, para ser feliz, é preciso ter recebido um grande dom. Os dois meses passados nos revelam qual foi o dom de Deus para nós. A partida de padre Giussani primeiro, a de João Paulo II depois e, enfim, a eleição de Bento XVI. O dom de Deus passa pela nossa condição de homens feitos de alma e de corpo. Portanto, nossa vida é sempre um misto de dor e alegria. As santas mortes de que tomamos parte expressaram uma dor já marcada pela glória. Bento XVI, falando-nos de “guilhotina”, testemunhou-nos a necessidade da “ferida da aceitação”. Para ser verdadeira, a alegria nos pede contrição e mudança.

Nossa esperança não será decepcionada se, pessoal e comunitariamente, nos fizermos responsáveis por esses grandes dons: humildes testemunhas do carisma apaixonado por Jesus Cristo do qual, graças a padre Giussani, nos foi dado participar para o bem da Igreja e em favor de “todo irmão homem”. No Senhor, saúdo-os e os abençôo.

S. E. R. Cardeal Angelo Scola
Patriarca de Veneza

Espiritualmente partícipe Exercícios Espirituais Fraternidade Comunhão e Libertação, peço ao Senhor para que vos doe fidelidade plena, comovida e grata ao carisma e à obra de padre Giussani, no pertencer alegre e dócil ao corpo de Cristo.

S. E. R. dom Vincenzo Orofino
Bispo de Tricárico

TELEGRAMAS ENVIADOS

Sua Santidade
Bento XVI

Obrigado, Santidade!

27.000 membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, reunidos em Rímíni para os Exercícios Espirituais anuais, e outros ligados via satélite de 60 países do mundo, acolheram com gratidão de filhos Sua mensagem, como confirmação de uma paternidade que no funeral de padre Giussani ficou evidente a todos.

Como povo gerado pela fé e pela humanidade apaixonada por Cristo daquele que nos foi pai, e confirmado na fé por longos anos pelo grande papa João Paulo II, entregamos mais uma vez em Suas mãos, Santidade, todas as nossas existências para colaborar com a Igreja, nossa mãe, servindo à urgência indicada no início de Seu pontificado: seguir a Cristo para torná-Lo presente aos irmãos homens como acontecimento que “torna a vida livre, bela e grande”, de forma tal que num tempo dominado pelo medo se renove em nós e nos irmãos homens a experiência do cêntuplo. Ao término destes Exercícios, não temos outra meta senão a descrita por Vossa Santidade: “Conhecer a Ele e comunicar aos outros a amizade com Ele”.

Nestes dias, rezamos por Vossa Santidade pedindo a padre Giussani, a João Paulo II e a São Bento, protetor da nossa Fraternidade, que sustente a, de outra forma impossível, tarefa para a qual o Senhor escolheu a Sua pessoa.

sac. Julián Carrón

S. E. R. cardeal Camillo Ruini
Presidente da Conferência Episcopal Italiana

27.000 membros Fraternidade de Comunhão e Libertação reunidos em Rímíni para Exercícios Espirituais anuais e outros ligados via satélite 60 países do mundo meditando sobre o tema paulino “A esperança não decepciona”, ainda gratos pelas palavras de Vossa Eminência na Missa do trigésimo dia da morte de nosso pai padre Giussani e sustentados por

Suas recentes mensagens públicas, renovam o compromisso de testemunho cristão na sociedade italiana no caminho traçado por João Paulo II e seguem com decisão a Bento XVI, que anuncia ao mundo a resposta que todos esperam: Cristo ressuscitado, fundamento de uma esperança segura que não decepciona o coração do homem.

sac. Julián Carrón

S. E. R. dom Giuseppe Betori
Secretário da Conferência Episcopal Italiana

27.000 membros Fraternidade de Comunhão e Libertação reunidos em Rímíni para Exercícios Espirituais anuais e outros ligados via satélite 60 países do mundo meditando sobre o tema paulino “A esperança não decepciona”, na memória viva de padre Giussani, nosso pai na fé, confirmam compromisso de continuar serviço missão Igreja na Itália para serem colaboradores ativos de Bento XVI no anúncio cristão para sustentar a esperança dos homens de nosso tempo.

sac. Julián Carrón

S. E. R. dom Stanislaw Rylko
Presidente do Pontifício Conselho para os Leigos

27.000 membros Fraternidade de Comunhão e Libertação reunidos em Rímíni para Exercícios Espirituais anuais e outros ligados via satélite 60 países do mundo, meditando sobre o tema paulino “A esperança não decepciona”, conservam a lembrança vivíssima de Sua presença no funeral de padre Giussani, trazendo o último adeus do saudoso João Paulo II, extremo sinal de uma paternidade que não tem fim. Gratos ao Senhor pelo dom de Bento XVI e da confirmação de Vossa Excelência como Presidente do Pontifício Conselho para os Leigos, como batizados somos mais certos da experiência que encontramos e mais decididos a servir o Santo Padre no testemunho de Cristo presente em todas as circunstâncias da vida.

sac. Julián Carrón

S. E. R. dom Josef Clemens
Secretário do Pontifício Conselho para os Leigos

27.000 membros Fraternidade de Comunhão e Libertação reunidos em Rímíni para Exercícios Espirituais anuais e outros ligados via satélite 60 países do mundo, meditando sobre o tema paulino “A esperança não decepciona”, compartilham com o senhor, por tantos anos fiel colaborador do cardeal Ratzinger, a alegria pela eleição de Bento XVI, resposta providencial de Deus à urgência dos tempos depois do falecimento de João Paulo II. Confortados pelo testemunho do papa Bento depois do falecimento de nosso pai na fé, padre Giussani, nos declaramos mais convictos de levar a experiência de Cristo vivo a todos os ambientes de vida e de trabalho como fiéis leigos na Igreja.

sac. Julián Carrón

S. E. R. dom Paolo Romeo
Núncio Apostólico para a Itália

27.000 membros Fraternidade de Comunhão e Libertação reunidos em Rímíni para Exercícios Espirituais anuais e outros ligados via satélite 60 países do mundo, meditando sobre o tema paulino “A esperança não decepciona”, renovam compromisso anúncio cristão na Itália na fidelidade ao Santo Padre Bento XVI, que conforta e sustenta a nossa vida depois do falecimento de padre Giussani, ao qual devemos o encontro com Cristo e a paixão por comunicá-Lo.

sac. Julián Carrón

S. E. R. cardeal Angelo Scola
Patriarca de Veneza

Eminência caríssima, Suas palavras renovaram em todos nós a memória do que o Senhor operou na nossa vida com os eventos misteriosos e belos destes tempos. No comum pertencer a um acontecimento que nasceu da paixão por Cristo de padre Giussani, continue a acompanhar este povo, a fim de que todos e cada um saibamos converter-nos àquele vórtice de caridade que nos tomou arrastando-nos para Cristo, tornando presente no mundo a vitória do Ressuscitado que é a Igreja. O seguimento de Bento XVI se torna assim para todos os nossos grupos

programa de vida na fidelidade à forma de ensinamento à qual fomos consignados.

sac. Julián Carrón

*S. E. R. dom Vincenzo Orofino
Bispo de Tricárico (Matera)*

27.000 membros Fraternidade de Comunhão e Libertação reunidos em Rímíni para Exercícios Espirituais anuais e outros ligados via satélite 60 países do mundo, meditando sobre o tema paulino “A esperança não decepciona”, gratos pela mensagem de amizade, pedem para toda a Fraternidade uma especial oração, a fim de que a fidelidade ao carisma e ao Santo Padre torne madura a fé de cada membro da Fraternidade para um testemunho de unidade nas circunstâncias da vida segundo a educação recebida de padre Giussani.

sac. Julián Carrón

Apêndice

A ARTE EM NOSSA COMPANHIA

Organizado por Sandro Chierici

(Guia para a leitura das imagens extraídas da História da Arte que acompanhavam a audição das peças de música clássica na entrada e na saída)

O coração do homem é espera, desejo, portanto esperança de realização. O tempo tende a reduzir o desejo, projetando-o na melhor das hipóteses na expectativa de um futuro desconhecido, alternativa a um presente vazio, que não satisfaz. O encontro com Cristo que se manifesta na realidade revela ao homem o desejo original de seu coração, e faz renascer uma esperança certa e alegre, pois arraigada num relacionamento que revela a positividade do presente. O tempo se enche, assim, da ação do homem. Maria, primeira esperança de Cristo criança, que pôs nEle toda a sua esperança, indica ao homem a direção do olhar e é por isso fonte inesgotável de esperança e de letícia.

1. Giotto. *Abóbada estrelada*, detalhe. Pádua, Capela dos Scrovegni
2. Henri Matisse. *Ícaro*. Litografia VIII da série Jazz. Paris, Musée d'Art Moderne
3. Vincent Van Gogh. *Noite estrelada sobre o Ródano*. Paris. Musée d'Orsay
4. Vincent Van Gogh, *Noite estrelada*. Nova York, Museum of Modern Art
5. Vincent Van Gogh. *A planície de Auvers com nuvens de tempestade*. Munique, Neue Pinakothek
6. Vincent Van Gogh. *Casa com teto de palha em Cordeville*, detalhe. Paris, Musée d'Orsay
7. Vincent Van Gogh. *Os primeiros passos* (junto de Millet). Nova York, The Metropolitan Museum of Art
8. Pablo Picasso. *Mãe com filho doente*. Barcelona, Museu Picasso
9. Jean Renoir. *Gabrielle et Jean*. Paris, Musée de l'Orangerie
10. Balthus (Balthazar Klossowski de Rola). *Menina na janela*. Coleção particular
11. Joel Meyerowitz. *New York interior* (Interior de Nova York). Fotografia. Nova York, James Danziger Gallery
12. Edward Hopper. *Cape Cod Morning* (Manhã em Cape Cod). Washington, National Museum of American Art
13. Edward Hopper. *Office in a Small City* (Escritório numa cidade pequena). Nova York, The Metropolitan Museum of Art

14. Edward Hopper. *Room in Brooklyn* (Quarto no Brooklyn). Boston, Museum of Fine Arts
15. Henri Matisse. *Le violoniste à la fenêtre* (O violinista na janela). Paris, Centre Pompidou
16. Edward Hopper. *Four Lane Road* (Autoestrada com quatro pistas). Coleção particular
17. Edward Hopper. *Cape Cod Evening* (Tarde em Cape Cod). Washington, National Gallery of Art
18. Edward Hopper. *Rooms by the Sea* (Quartos na orla do mar). New Haven (CT), Yale University Art Gallery
19. *Abóbada estrelada*, mosaico, detalhe. Ravena, Mausoléu de Galla Placídia
20. Anônimo, século XII. *A criação dos astros*. Monreale, Catedral
21. Anônimo, século XII. *A separação da terra e das águas*. Monreale, Catedral
22. Anônimo, século XII. *A criação do homem*. Monreale, Catedral
23. Anônimo, século XII. *A colocação de Adão no Paraíso*. Monreale, Catedral
24. Anônimo, século XII. *A cura do leproso*. Monreale, Catedral
25. Anônimo, século XII. *A cura do cego de nascença*. Monreale, Catedral
26. Anônimo, século XII. *A ressurreição do filho da viúva de Naim*. Monreale, Catedral
27. Anônimo, século XII. *A cura do paralítico*. Monreale, Catedral
28. Anônimo, século VI. *A multiplicação dos pães e dos peixes*. Ravena, Santo Apolinário novo
28. Anônimo, século VI. *A multiplicação dos pães e dos peixes*. Ravena, Santo Apolinário novo
29. Anônimo, século VI. *O chamado de Pedro e André*. Ravena, Santo Apolinário novo
30. Anônimo, século VI. *A samaritana no poço*. Ravena, Santo Apolinário novo
31. Anônimo, século VI. *A samaritana no poço*, detalhe. Ravena, Santo Apolinário novo
32. Vincent Van Gogh. *Campo de trigo com vista de Arles*. Paris, Musée Rodin
33. Vincent Van Gogh. *Campo de trigo atrás do hospital Saint-Paul*. Essen, Museum Folkwang
34. Vincent Van Gogh. *Semeador com sol se pondo*. Otterlo, Rijksmuseum Kröller-Müller

35. Vincent Van Gogh. *Dois homens arrancando um cepo*. Detroit, The Detroit Institute of Art
36. Vincent Van Gogh. *Colheita de azeitonas*, detalhe. Coleção particular
37. Vincent Van Gogh. *Colheita de azeitonas*. Washington, National Gallery of Art
38. Vincent Van Gogh. *Campo de trigo com feixes de espigas e ceifador*. Toledo (OH), The Toledo Museum of Art
39. Vincent Van Gogh. *Semeador ao pôr-do-sol*. Amsterdã, Rijksmuseum Vincent Van Gogh
40. Vincent Van Gogh. *Dois camponeses aram o solo* (junto de Millet). Amsterdã, Stedelijk Museum
41. Vincent Van Gogh. *Na estrada dos campos* (junto de Millet). Paradeiro desconhecido
42. Jean-François Millet. *O Ângelus*. Paris, Musée d'Orsay
43. Benedetto Antelami. *Janeiro*. Parma, Catedral, ciclo dos signos do zodíaco
44. Benedetto Antelami. *Fevereiro*. Parma, Catedral, ciclo dos signos do zodíaco
45. Benedetto Antelami. *Setembro*. Parma, Catedral, ciclo dos Meses
46. Benedetto Antelami. *Agosto*. Parma, Catedral, ciclo dos Meses
47. Benedetto Antelami. *Junho*. Parma, Catedral, ciclo dos Meses
48. Andrea Della Robbia. *Virgem da Anunciação*. La Verna, igreja maior, capela Niccolini
49. Antonello da Messina. *Nossa Senhora com o Menino*. Washington, National Gallery of Art
50. Bartolomé Esteban Murillo. *Adoração dos pastores*, detalhe. Madri, Museo Nacional del Prado
51. Artemisia Gentileschi. *A Virgem amamenta o Menino*. Florença, Galleria Palatina di Palazzo Pitti
52. Pietro Lorenzetti. *Nossa Senhora com o Menino*. Assis, Basílica inferior, capela de São João Batista
53. Mestre de São Nicolau. *Nossa Senhora com o menino*. Assis, Basílica inferior, capela de São Nicolau
54. Giotto. *Ascensão*. Pádua, Capela dos Scrovegni, parede norte
55. Giotto. *Ascensão*, detalhe. Pádua, Capela dos Scrovegni, parede norte
56. Mestre lombardo. *Assunção de Maria e Trindade*. Mirasole, Abadia

DIRETÓRIO PARA OS GRUPOS DE FRATERNIDADE

As indicações que seguem, sugeridas pela experiência destes anos, têm o objetivo maior de responder aos grupos de Fraternidade que expressaram o desejo de uma maior seriedade de postura na sua vida, pessoal e comunitária.

1. Obediência às indicações de quem guia toda a Fraternidade

Quem participa da vida da Fraternidade é convidado a obedecer às indicações de quem guia toda a Fraternidade, em uma imanência responsável à vida do Movimento, que implica até a afetividade.

2. Natureza e consistência do grupo

Um grupo é constituído de adultos que livremente o escolhem e o constituem. A idéia-guia da Fraternidade é a descoberta de que um adulto é responsável tanto pelo seu trabalho e pela sua família quanto pela sua santidade: pela vida como caminho para a santidade, isto é, pela vida como vocação.

O adulto, na medida em que é responsável, une-se a outros que reconhecem a mesma responsabilidade diante da vida como vocação.

Segundo o método ensinado pelo Movimento, todos deveriam desejar um grupo de Fraternidade, ainda que a adesão a ela seja pessoal.

3. O guia: todo grupo deve ser guiado

Todo grupo deve ser guiado. O guia não coincide mecanicamente com a figura do prior, mas com uma pessoa cheia de autoridade no sentido evangélico: pessoa que tem fé, que pode vir também de fora do grupo.

O guia deve comunicar um método de vida: ensinar a reconduzir tudo a uma idéia fundamental, que, quando meditada, olhada, amada, faz nascer “todo o resto”. Esta é a origem do nosso método de vida: a vida cristã nasce do encontro com uma presença, seguindo a qual se muda. É exatamente nesta mudança de si que amadurece de forma serena a idéia de uma regra.

O guia deve favorecer uma seriedade autêntica na fé. Um guia que direcione o grupo, conforte-o, ajude-o a corrigir a inevitável tendência à artificialidade e ao moralismo.

O relacionamento estável com uma pessoa “externa” ao grupo (sacerdote, responsável do Movimento, membro dos Memores Domini) pode evitar a enfatização do próprio grupo em detrimento da unidade de toda a Fraternidade, que não é uma federação de realidades autônomas.

Todo grupo deve ter um prior, o qual desenvolve uma função de secretaria (avisos, distribuição de textos, etc.) e de ordem. O prior se atém às indi-

cações recebidas do Centro através do responsável diocesano e regional e do membro do executivo a quem é confiada a responsabilidade da região.

4. A regra

Na vida do grupo, a regra existe em função de um incremento do relacionamento entre a pessoa e Cristo, e, portanto, como consequência, de um incremento do Movimento no serviço à Igreja.

a) Oração

Todo grupo deve dar-se uma regra de oração: pode ser a recitação de uma *Ave-Maria* à noite ou a participação da Missa cotidiana. Não importa se a escolha for a hipótese mínima ou a máxima. O que importa é o gesto de oração, a fidelidade a este gesto.

b) Pobreza

O sustento mensal do fundo comum de toda Fraternidade, que implica o sacrifício, é pedido em função de um incremento da consciência da pobreza como virtude evangélica. Como diz São Paulo: “Não temos nada e possuímos tudo”. A verdadeira maneira de possuir tudo é viver um desapego para com tudo. Pode-se pagar até somente dez centavos, mas pagá-los com fidelidade tem um valor fundamental de chamado de atenção, porque é um gesto concreto e unitário. Alguém que não se empenhasse com essa diretriz não poderia se considerar parte da fraternidade.

c) Desenvolvimento do conhecimento da doutrina da Igreja

O aprofundamento catequético do Movimento é a Escola de Comunidade: ela ilumina a nossa formação permanente. Deve desenvolver-se valorizando no seu âmbito os Exercícios e os textos “emergentes” do Movimento que esclarecem o contexto no qual se coloca o “percurso” indicado pela Escola de Comunidade.

No caso em que a Escola de Comunidade for feita em outro lugar (como resultado da presença missionária do adulto no ambiente), o grupo de fraternidade deve meditar os exercícios espirituais ou os textos indicados pelo Movimento, sem deixar, em todo caso, de se referir à Escola de Comunidade.

5. A obra

A obra da fraternidade é o incremento do Movimento no serviço à Igreja. Assumir empenhos específicos está, portanto, em função disto (ver carta aos novos inscritos à fraternidade).

IMAGEM DO GRUPO DE FRATERNIDADE

1. Premissa

A adesão à Fraternidade é pessoal: subsiste e vale com ou sem grupo. Este é um princípio fundamental pelo qual a pessoa vive a fé obedecendo “de coração”, ou seja, livre e diretamente, à “forma de ensinamento à qual fomos consignados” (J. Ratzinger, “Intervenção na apresentação do novo Catecismo”, in: *L’Osservatore romano*, 20 de janeiro de 1993, p.5).

A imagem conseqüente do grupo de fraternidade é o modo com o qual a adesão pessoal à toda a Fraternidade pode ser sustentada.

2. Finalidade e natureza do grupo de Fraternidade

O grupo de Fraternidade é um lugar de amizade cristã, ou seja, de chamado e de memória à própria conversão; um lugar onde seja mais fácil e mais estável a vontade de viver por Cristo. Sem dúvida, é mais fácil ser corrigido do que corrigir-se, por isso é útil um lugar de chamado de atenção. O grupo de Fraternidade, como figura da Fraternidade no seu conjunto, “é a consciência explicitada de estar em caminho, de ter um destino, e portanto uma ajuda para aprofundar a consciência, uma ajuda no aprofundamento do conhecimento e da consciência” (L. Giussani, *L’opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*, San Paolo, Cinisello Balsamo, 2002, p. 105). É “uma proximidade de pessoas que se aceitam justamente como uma escola, uma escola [...] para aprender a amar o outro” (*ibidem*, p. 168).

“Deve tornar-se um lugar que mobiliza, que nos muda” (*ibidem*, p. 39).

As fraternidades ajudam na busca da santidade pessoal e na vocação que se vive: “A exigência [...] de viver a fé e depois empenhar-se com ela” (L. Giussani, “Carta aos novos inscritos à Fraternidade”, in *ibidem*, p. 249), a ponto de contribuir para a obra de salvação que Cristo introduziu no mundo com a sua Igreja.

3. Método (Com qual critério se escolhe um grupo?)

O critério com o qual se escolhe um grupo é a proximidade, ocasião para uma convivência que devemos desejar. A primeira proximidade que permite reconhecer o valor de todas as outras é a vocacional. Neste sentido, os grupos de Fraternidade “devem nascer segundo as convergências naturais e segundo as escolhas das pessoas, sem esquemas pré-fixados (“o ambiente” são os relacionamentos interpessoais, antes de ser um território ou uma classe social)” (*ibidem*, p. 40).

O grupo de Fraternidade pode vir de uma amizade anterior, mas implica sobretudo a decisão acerca da necessidade da companhia de tais pessoas para a própria fé e para as necessidades da vida.

O resultado de semelhante companhia particular é a descoberta de sempre mais pessoas como fraternas, isto é, a missão: a expressão mais verdadeira da experiência da Fraternidade.

De fato, “a explicitação de uma comunionalidade é portanto um envolvimento da vida inteira, de modo que aquilo que acontece ao outro não pode deixar de incidir e envolver a própria vida” (L. Giussani, “Carta aos novos inscritos à Fraternidade”, in *ibidem*, p. 251-252).

4. Regra e condução

A regra sugerida para os grupos de Fraternidade propõe-se como uma ajuda oferecida a cada pessoa no empenho que ela assume aderindo à Fraternidade. Esta regra prevê:

- um mínimo empenho cotidiano com a *oração*;
- uma educação concreta à *pobreza* (também ao valor do dinheiro, mediante o *fundo comum*);
- um sustento para a *obra do movimento* (quicá mediante uma obra particular);
- aprofundamento da *doutrina da Igreja*.

De qualquer forma, os grupos de Fraternidade “não podem ter como sua expressão o debate sobre o texto” (*ibidem*, p. 83) que não se torne comparação acerca das exigências da vida, materiais e espirituais.

Isto esclarece também a função e o modo da Escola de Comunidade. “Se a Escola de Comunidade fosse bem vivida, se tornaria Fraternidade para os adultos [...]. Portanto, uma Escola de Comunidade é uma Fraternidade “inacabada”, ou seja, ainda não é Fraternidade porque está mais na superfície do nosso empenho: é um exercício mais do que uma vida” (*ibidem*, p. 167). Tudo é potencialmente uma Fraternidade.

As fraternidades são conduzidas: pelos *Exercícios Espirituais*; pela retomada deste gesto: os *retiros*; e, eventualmente, pelas *Assembléias regionais*. O *prior* tem uma função importante de secretaria, cujo aspecto principal é comunicar as indicações do Centro; não é irremovível, enquanto cabe a cada um ser responsável da vida da própria Fraternidade. Os grupos de Fraternidade podem escolher “guias” como pessoas com autoridade no sentido evangélico, identificáveis também fora do grupo, mas – de qualquer forma – devem ser aprovados pelo Executivo.

O objetivo de todas as indicações é o incremento de uma humanidade cristã: uma humanidade concretamente diversa na maneira de pensar, de sentir e, possivelmente, de se comportar.

Toda a Fraternidade, evidentemente, encontra a sua consistência no interior do movimento e da direção que lhe é dada. Não é oportuno acrescentar outros instrumentos de guia da fraternidade, além daqueles já previstos (cartas e colocações do Fundador; diaconia central; responsáveis regionais; etc.). É importante, ao invés, que os instrumentos atualmente presentes sejam vividos com seriedade e, possivelmente, preparados, enviando contribuições e perguntas aos responsáveis. Em particular, é importante sublinhar o valor dos retiros, que devem ter: um momento de reflexão, (que retome a atualidade dos Exercícios); um momento de silêncio; um momento de assembléia e a Santa Missa.

Notas

- ¹ Lc 18,8.
- ² “Il n’est pas d’idéal auquel nous puissions nous sacrifier, car de tous nous connaissons les mensonges, nous qui ne savons point ce qu’est la vérité” (Cf. A. Malraux. *La tentation de l’Occident*. Paris, Bernard Grasset, 1926, p. 216).
- ³ Jo 12,24.
- ⁴ Ratzinger, J. “L’omelia del Cardinale Joseph Ratzinger, Decano del Collegio Cardinalizio”. In: *L’Osservatore Romano*, 9 de abril de 2005, p. 3. Cf., em língua portuguesa: www.vatican.va/gpII/documents/homily-card-ratzinger_20050408_po.html.
- ⁵ Cf. *Le lettere di Santa Caterina da Siena*, vol. III. Florença, Giunti-Barbera, 1970, p. 204.
- ⁶ Ward, B. *Faith and Freedom*. Nova York, W. W. Norton & Company, 1954, p. 4.
- ⁷ Giussani, L. *O senso religioso*. Tradução de Paulo Afonso E. Oliveira. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.
- ⁸ Arendt, H. *Responsabilità e giudizio*. Turim, Einaudi, 2004, p. 31.
- ⁹ Muraro, L. *Il Dio delle donne*. Milão, Mondadori, 2003, p. 37.
- ¹⁰ “Tendo consciência de estar no limite do mistério, nasce aquela inquietude que o impelirá à frente. Nenhuma situação, para ele, pode mais ser estável, pois nada o aplaca [...]. O movimento da história [...] não se manifesta só em acontecimentos exteriores, mas se desenvolve nas próprias profundidades da alma” (Cf. Jaspers, K. *Del tragico*. Milão, Se, 2000, pp. 18-19).
- ¹¹ Giussani, L. *Un caffè in compagnia*. Milão, Rizzoli, 2004, p. 76.
- ¹² Giussani, L. *Realtà e giovinezza. La sfida*. Turim, SEI, 1995, p. 43.
- ¹³ Zambrano, M. *L’uomo e il divino*. Roma, Ed. Lavoro, 2001, p. 280.
- ¹⁴ “Ce que ‘je suis’ est incommensurable à ce que ‘je sais’” (Ricoeur, P. *Gabriel Marcel et Karl Jaspers*. Paris, Éditions du Temps Présent, 1947, p. 49).
- ¹⁵ Zambrano, M. *Persona e democrazia*. Milão, Mondadori, 2000, p. 37.
- ¹⁶ *Fecisti nos ad te, domine, et inquietum est cor nostrum, donec requiescat in te* (Santo Agostinho. *As confissões*, Livro I, cap. 1).
- ¹⁷ Sl 42 (41),2-3.
- ¹⁸ São Basílio, o Grande. Das “Regras mais amplas”, PG 31, 908-910. In: *Liturgia delle ore secondo il rito romano*, vol. III, terça-feira da primeira semana do Tempo Ordinário. Cidade do Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 1989, p. 44.
- ¹⁹ Leopardi, G. “Sobre o retrato de uma bela mulher”, vv. 22-23. In: *Cara beltà...* Milão, Rizzoli, 1996, p. 96.
- ²⁰ Bloy, L. *La donna povera*. Régio Emília, Città Armoniosa, 1978, p. 84.
- ²¹ Giussani, L. *Avvenimento di libertà*. Gênova, Marietti 1820, 2002, p. 149.

- ²² Sartre, J. P. *L'essere e il nulla*. Milão, Il Saggiatore, 2002, p. 126.
- ²³ Maniscalco, M. e Veras, R. "My Father Sings to Me". In: *Canti*. Milão, Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo, 2002, p. 283.
- ²⁴ Mascagni, A. "Il mio volto". In: *Canti*. Milão, Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo, 2002, p. 203.
- ²⁵ Cf.: "A religião é, sim, aquilo que o homem faz na sua solidão, mas é também aquilo em que descobre a sua essencial companhia. Esta companhia é mais original que a solidão, já que aquela estrutura de pergunta não é gerada pela minha vontade, mas me é dada. Portanto, antes da solidão está a companhia que abraça a minha solidão, por isso não é mais verdadeira solidão, mas grito de apelo à companhia escondida" (Giussani, L. *O senso religioso*. Op. cit., p. 86).
- ²⁶ Pavese, C. *O ofício de viver*. Tradução de Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1988, p. 308.
- ²⁷ Giussani, L. *O senso religioso*. Op. cit., p. 83.
- ²⁸ Giussani, L. *É possível viver assim?* Tradução de Neófita Oliveira e Francesco Tremolada. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998, p. 161.
- ²⁹ Zambrano, M. *Persona e democrazia*. Milão, Mondadori, 2000, p. 65.
- ³⁰ Mauriac, F. *Groviglio di vipere*. Milão, Mondadori, 1979, p. 201.
- ³¹ Cf.: "Ó sol esplêndido, teus raios fúlgidos brilharam em vão sobre uma cabana vazia. Não havia ninguém lá dentro para aquecer e inflamar [...]. O proprietário nunca estava em casa" (Ibsen, H. *Peer Gynt*, ato V. Turim, Einaudi, 1959, p. 131).
- ³² Giussani, L. *O senso religioso*. Op. cit., p. 81.
- ³³ Muraro, L. *Il Dio delle donne*. Op. cit., p. 31-32.
- ³⁴ Dostoiévski, F. M. *I demoni*. Milão, Garzanti, 1990, vol. II, p. 709.
- ³⁵ Heschel, A. J. *Il canto della libertà*. Magnano (Biella), Qiqajon, 1999, p. 54.
- ³⁶ Ferrara, G. "La dittatura del desiderio...". In: *Il Foglio*, 17 de janeiro de 2005, p. 1.
- ³⁷ Ratzinger, J. "Preghiamo con insistenza il Signore perché dopo il grande dono di Papa Giovanni Paolo II ci doni di nuovo un Pastore secondo il suo cuore", Homilia durante a Missa *pro eligendo Romano Pontifice*. In: *L'Osservatore Romano*, 19 de abril de 2005, pp. 6-7. Cf., em língua portuguesa: www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html
- ³⁸ Ferrara, G. "Preghiera a labbra secche: Benedetto XVI, aiutaci tu". In: *Il Foglio*, 25 de abril de 2005, p. 1.
- ³⁹ Mauriac, F. *Groviglio di vipere*. Op. cit., p. 201.
- ⁴⁰ Carta assinada.
- ⁴¹ Jo 4,13-14.
- ⁴² Jo 4,15.
- ⁴³ São Bernardo de Claraval. *Sermoni sul Cantico dei Cantici, LXXIV*. Casale Monferato, Piemme, 1999, p. 239.

⁴⁴ Guilherme de Saint-Thierry. *La contemplazione di Dio*. Milão, Fabbri, 1997, p. 62.

⁴⁵ Bento XVI. “Un servizio alla gioia”, Homilia pelo início do Ministério do Sumo Pontífice. In: *L’Osservatore Romano*, 25 de abril de 2005, p. 1.

Cf., em língua portuguesa:

www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2005/documents/hf_ben-xvi_hom_20050424_inizio-pontificato_po.html.

⁴⁶ Id., *ibid.*

⁴⁷ At 16,9.

⁴⁸ At 16,10.

⁴⁹ 1 Cor 15,14-15.

⁵⁰ Jo 15,18.

⁵¹ Jo 15,19.

⁵² Jo 17,3.

⁵³ Cf. Giussani, L. “Mandati per la gloria di Cristo”. In: *Communio*, 24 (1996), n° 148, pp. 101-109. Os versos de Leopardi são da tradução de Maria José de Carvalho para: Leopardi, G. *Cantos*. São Paulo, Max Limonad, 1986, p. 124.

⁵⁴ Péguy, C. “Il portico del mistero della seconda virtù”. In: *I misteri*. Milão, Jaca Book, 1997, pp. 161-164, 166-167.

⁵⁵ Mt 28,20.

⁵⁶ São Bernardo de Claraval. *Sermoni sul Cantico dei Cantici, LXXXIV*. Casale Monferrato, Piemme, 1996, p. 272.

⁵⁷ Gregorio di Nissa. *Omelia sul Cantico dei Cantici*. Roma, Città Nuova, 1996, p. 47.

⁵⁸ Giussani, L. *Avvenimento di libertà*. Op. cit., p. 20.

⁵⁹ Fl 3,13-15.

⁶⁰ Giussani, L. *É possível viver assim?* Op. cit., p. 160.

⁶¹ São Bernardo de Claraval. *Sermoni sul Cantico dei Cantici, LXXIV*. Casale Monferrato, Piemme, 1999, p. 234.

⁶² Santo Agostinho. *Enarrationes in Psalmos 62, 3-5*.

⁶³ Isaac de Nínive. *Discorsi ascetici*. Magnano (Biella), Qiqajon, 2004, p. 144.

⁶⁴ Santo Agostinho. *Commento al Vangelo di Giovanni*, sermo 40, 10.

⁶⁵ Cf. Hugo de São Vítor. *De arra animae*. Milão, Glossa, 2000, p. 1.

⁶⁶ Mt 28,20.

⁶⁷ Santo Agostinho. *Enarrationes in Psalmos 39, 7-8*.

⁶⁸ Giussani, L. *Avvenimento di libertà*. Op. cit., p. 149.

⁶⁹ Santo Agostinho. *Sermo 313/F*.

⁷⁰ Cf. Giussani, L. *Vivendo nella carne*. Milão, Rizzoli, 1998, p. 265.

⁷¹ Guilherme de Saint-Thierry. *La contemplazione di Dio*. Op. cit., p. 65.

⁷² Santo Agostinho. *Enarrationes in Psalmos 62, 3-5*.

⁷³ Cf. Santo Tomás de Aquino. *Summa Theologiae*, II, IIae, q. 179, art. 1.

⁷⁴ 1 Cor 12,3.

- ⁷⁵ Rm 5,5.
- ⁷⁶ Cf. Giussani, L. *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*. Cinisello Balsamo (Mi), San Paolo, 2003, pp. 152-153.
- ⁷⁷ Möhler, J. A. *L'unità nella Chiesa*. Roma, Città Nuova, 1969, p. 221.
- ⁷⁸ Referência a um diálogo de padre Giussani com alguns *Memores Domini* ocorrido em Subiáco no dia 4 de agosto de 1970. *Pro manuscripto*, p. 1.
- ⁷⁹ Cf. Jo 16,5-15.
- ⁸⁰ Referência a uma palestra de padre Giussani num Retiro de Noviços de 1997. *Pro manuscripto*. Cf. também: Carrón, J. “Um novo início”. In: *Passos Litterae Communionis*, abril de 2005, pp. 5-6.
- ⁸¹ Giussani, L. “O maior sacrifício é dar a vida pela obra de um Outro”. Tradução de Stefano Perugini. In: *Passos Litterae Communionis*, abril de 2005, pp. 1-7. Também em *L'avvenimento cristiano*. Milão, Rizzoli, 2003, pp. 65-70.
- ⁸² Cf. Carrón, J. “Um novo início”. Op. cit., p. 7.
- ⁸³ Carta assinada.
- ⁸⁴ Giussani, L. *L'opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*. Op. cit., pp. 70-71.
- ⁸⁵ Grossman, V. S. *Vita e destino*. Milão, Jaca Book, 1998, pp. 182-183.
- ⁸⁶ Grossman, V. S. *Vita e destino*. Op. cit., p. 183.
- ⁸⁷ São Gregório Nazianzeno (338-389). *Carmina*, “Carmine LXXIV”, PG II, I, vv. 4-12.
- ⁸⁸ Jo 14,21.
- ⁸⁹ Jo 14,18.
- ⁹⁰ Jo 14,19.

Sumário

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE BENTO XVI	3
<i>Sexta-feira, 29 de abril, noite</i>	
INTRODUÇÃO	4
SANTA MISSA – <i>HOMILIA DE S. E. DOM LUIGI NEGRI</i>	9
<i>Sábado, 30 de abril, manhã</i>	
PRIMEIRA MEDITAÇÃO – <i>Desejo e resposta</i>	11
SANTA MISSA – <i>HOMILIA DE S. E. DOM CARLO CAFFARRA</i>	23
<i>Sábado, 30 de abril, tarde</i>	
SEGUNDA MEDITAÇÃO – <i>Qual é a esperança que não decepciona?</i>	27
<i>Domingo, 1º de maio, manhã</i>	
ASSEMBLÉIA	41
SANTA MISSA – <i>HOMILIA DE S. E. DOM FILIPPO SANTORO</i>	56
MENSAGENS RECEBIDAS	58
TELEGRAMAS ENVIADOS	60
<i>Apêndice</i>	
A ARTE EM NOSSA COMPANHIA	66
DIRETORIO PARA OS GRUPOS DE FRATERNIDADE	69
IMAGEM DO GRUPO DE FRATERNIDADE	71
<i>Notas</i>	74



A ESPERANÇA NÃO DECEPCIONA

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



RÍMINI 2005